



# Água corrente

Clarêncio Gomes Baracho

**edits**  
Editora da UESC

ÁGUA  
CORRENTE





## Universidade Estadual de Santa Cruz

---

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

---

**DIRETORA DA EDITUS**

Rita Virginia Alves Santos Argollo

**Conselho Editorial:**

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

---

# ÁGUA CORRENTE

Clarêncio Gomes Baracho

Ilhéus - Bahia

  
Editora da UESC

2016

Copyright ©2016 by CLARÊNCIO GOMES BARACHO

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**PROJETO GRÁFICO E CAPA**

George Pellegrini  
Deise Francis Krause

**ILUSTRAÇÕES DE CAPA E CONTRACAPA**

Pixabay.com: ChadoNihi  
Pixabay.com: kpgolfpro

**REVISÃO**

Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

B223 Baracho, Clarêncio Gomes.  
Água corrente / Clarêncio Gomes Baracho. –  
Ilhéus, BA: Editus, 2016.  
151 p. : il. ; anexos.

Inclui dados biográficos do autor.  
ISBN: 978-85-7455-428-0

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD 869.91

---

**EDITUS - EDITORA DA UESC**

Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028  
www.uesc.br/editora  
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias



## ÁGUA CORRENTE

Vi, recentemente, na mostra de uma de nossas livrarias, um volume originário de Ilhéus ou Itabuna, não me lembro bem, enunciando poetas da zona do cacau. Apanhei-o, correndo a vista pela relação dos autores que ali se comprimiam, no sentido de encontrar o nome de Clarêncio Baracho, o primeiro que, de logo, me ocorreu à lembrança, isto porque, diante de um livro que reunia poetas da zona sul do Estado da Bahia, meu pensamento norteou-se para esse amigo que é, profunda e arraigadamente, um poeta da Região Cacaueira. Mas o poeta Clarêncio Baracho, malogrando a minha expectativa, ali não se encontrava, quando outros nomes que, embora possam honrar qualquer antologia, ali de agasalhavam, como se agasalham os cucos, em ninho estranho... Foi desta forma, para mim, desconcertante a omissão. Não porque o meu velho amigo Baracho seja um trunfo da gaia ciência, merecedor, por isso, de todas as honras que tributam aos pouquíssimos poetas que manejam o seu próprio instrumento, tendo a arte como ponte firme e garantida para a posteridade. Nada



disto. Poucos, realmente, no tempo que flui, dispõem deste instrumento ou têm o privilégio de transpor essa ponte. Mas, simplesmente porque, de sã consciência, não é justo relegar ao desprezo o nome de Clarêncio Baracho quando se organiza um livro dessa natureza, isto é, um livro cujo objetivo é fixar os poetas grapiúnas. Neste caso, francamente, ninguém, pois, mais do que ele, é tocado pelo clima dadivoso, ou tem raízes distendidas naquela Terra onde nasceu e da qual, parece, nunca se afastou. Ninguém, pois, mais do que ele, merece um lugar na história poética da Região. Dou testemunho dos muitos anos que o conheço fiel ao seu ideal jamais renegado, perpétuo prisioneiro da poesia tradicional, mas bendizendo a prisão que o tem cativo dentro das grades de um soneto...

Nisto fiquei pensando quando me veio às mãos o original do seu livro “Água Corrente” a fim de passar-lhe a vista e nele escrever algumas palavras, a título de apresentação, tão mal avisado que anda o poeta, pois disto ele prescinde, já que é um nome bastante conhecido não apenas no seu meio, uma vez que, de acordo com as informações que me transmitiu, a sua po-



esia é comentada não somente aqui como nas repúblicas vizinhas, valendo salientar a Argentina, de onde lhe choveram aplausos, em louvor aos louvores que teceu a Eva Peron, como prova de que também não falta sensibilidade em outros pontos do continente...

Folheei com prazer os originais deste livro, datado de 1960, portanto já com 18 anos, enrolando-lhe as páginas que breve serão impressas em letra de forma. Desta vez, então, os admiradores de Clarêncio Baracho terão estes poemas reunidos num volume que irá, por certo, agradar, pois conterà alguns versos que, pela espontaneidade e inspiração, já lhe asseguram um lugar nas letras baianas. Tocou-me, deveras, o poema que lhe inspirou a Cantiga da Tarde Nevoenta, do inesquecível Camilo de Jesus Lima, valendo, igualmente, salientar que Anísio Melhor nos aparece redivivo na evocação de um soneto onde bastam dois versos para retratá-lo e defini-lo: “Ó mestre, creio que tu és um santo / Sob a simples feição de um homem justo”.

Diante disto, ninguém poderá deixar de reconhecer um poeta em Clarêncio Baracho, não um simples poeta bissexto, mas



um poeta que vive cotidianamente a poesia,  
ao contrario de tantos outros escribas como  
eu, cujas produções são o resultado de uma  
safra temporá...

Clóvis Álvares Lima  
Cadeira 22 da Academia de Letras da Bahia  
Extraído da coletânea  
“Água Corrente”, 1978,  
da Gráfica da Universidade Federal da Bahia



“Plantei na minha Vida uma  
árvore, sedento  
De ter fruto e ter flor, de ter  
sombra e agasalho...”

Olegário Mariano (1889-1958)



## Sumário

### I

ÁGUA CORRENTE (1978) / 15

ÁGUA CORRENTE / 17

LUCERNA / 18

CORAÇÃO DE POETA / 19

ILHÉUS / 22

BAHIA / 24

RIO DE JANEIRO / 25

CONGRESSO EUCARÍSTICO

INTERNACIONAL / 26

A VIDA / 27

ROSA DO OUTONO / 28

“CANTIGA DA TARDE NEVOENTA” / 29

A CEIA DE CRISTO / 31

A MORTE DE CRISTO / 32

SÃO PEDRO / 33

VIRGEM SANTÍSSIMA / 34

DEUS / 35

MENDIGO / 36

APOTEOSE DOS DEUSES / 37

SUPREMO ANSEIO / 38

DORES ÍNTIMAS / 39

O URUBU / 40

GLÓRIA REGINA / 41

ANA LÚCIA / 42

AGONIA DO SOL / 43

MENOTI DEL PÍCCHIA / 44

EVA PERON / 45

DOM BENEDITO ZORZI / 46

PÉTAİN / 47



A FESTA DAS FLORES /	48
VOZES DO ERMO /	49
APOTEOSE /	50
NADA /	51
URUÇUCA /	52
ROSAS /	53
O JORNALISTA /	54
MAJORES PENAS NIDO	55
FLOR DE LIS /	56
VOZES DO SONHO /	58
DOM JOÃO RESENDE /	59
MIRAZUL /	60
SINFONIA DA DOR /	63
ANÍSIO MELHOR /	65
JOÃO PESSOA /	66
DOR E SAUDADE /	67
DESENGANOS /	68
TRÁGICO DILEMA /	69
A ESPERANÇA /	70
AMOR DE MÃE /	71
PRINCESA /	72
UMA SOMBRA NO EGITO /	73
OLIVENÇA /	74
10 DE FEVEREIRO /	75
A SELVA /	76
MINHA SAUDADE /	77
FUMAÇA /	78
AGILDO BARATA /	79
10 DE FEVEREIRO /	80
JOSÉ BASTOS /	81
SUBSTRATO /	82
VIDAS AMARGAS /	83
ATO DE FÉ /	84
POESIA /	85



## II

TERRA VIOLENTA (1963) / 87

A SELVA / 97

MEU VERSO / 99

AGONIA DAS ÁRVORES / 100

INFÂNCIA / 101

SOLIDÃO / 102

O HOMEM / 103

RAIO DE LUZ / 107

ÍDOLOS SAGRADOS / 108

BENÇÃO DO CÉU / 109

A CRUZ DE GUERRA / 114

SINHÔ BADARÓ / 115

O CACAUEIRO / 116

O JUPARÁ / 118

A ROÇA É A HARPA / 119

OS MEUS PRIMEIROS FRUTOS / 120

ESTÁTUAS DE MÁRMORE / 121

OBLAÇÃO AOS MORTOS / 122

JOSÉ ROSA / 123

TAÇA DE BRUMA / 124

EMOÇÃO / 125

O ILHEENSE / 126

TERRA VIOLENTA / 127

## III

DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR / 129

## IV

ANEXOS / 133





# Capítulo I: Água Corrente 1978

ÁGUA CORRENTE  
(A Abel Pereira)

Desce do monte em tormentosa frágua,  
E logo busca o oceano, docemente,  
Ouço cantar um hino altiloquente  
Ou uma toada de infinita mágoa...

Como um raio de luz, na mente trago-a,  
Vendo sulcos abrir na terra olente,  
Ai! como sonho, quando, água corrente,  
Em meu canoro coração deságua...

Na plenitude do transbordamento,  
Espumas de ouro do meu pensamento  
Se evolvam no ar, o cérebro sonhando...

– Sedento coração que o mundo enleia,  
Como o riacho que canta e ao sol pompeia  
Ela eterniza minha dor, cantando!

## LUCERNA

Minh'alma é um verde lago onde se  
interna

O teu corpo de sonhos e cobiça,  
Cuja brancura é uma ilusão eterna  
Que à superfície destas águas viça.

Em carícias, a brisa sempiterna  
Beija, – oh, cidade que nos enfeitiça! –  
A sedutora e poética Lucerna  
Que envolve em sonho o coração da Suíça.

Também meu coração que tu desfrutas,  
Imerso neste amor que se desdobra  
Em colunas de fogo ininterruptas,

Eterno vive pelo teu encanto  
Cantando numa tarde que soçobra  
Nas águas salsas desse abismo santo.

CORAÇÃO DE POETA  
(A Ivan Americano)

Meu coração em lírico desmaio  
Banha-se no esplendor do sol de maio!  
Filho do sol, tão leve como a espuma,  
Se evola no ar para desfazer-se em bruma  
E volver ao calor da humanidade,  
Na redenção dos beijos da saudade...

Tem o rumor da petizada em festa,  
E às vezes o silêncio da floresta.

Sempre o vejo feliz e sempre novo  
A transluzir no coração do povo!

Semelha a flor olente das campinas  
No altar de Deus, em amplidões divinas.

Tem a quietude da água azul de um lago,  
Idealizado em pensamento vago.  
É joia que ninguém poderá tê-la,  
– Pertence ao mundo que se ufana em vê-la.

Pois tu, mulher, quisera conquistá-la,  
Mas, nem ao menos poderás comprá-la.  
É a perfeição de tudo quanto é humano,  
Perscrutador confidencial do oceano!

Tem o poder indômito dos ventos,  
Ao irradiar milhões de pensamentos,  
É o paraíso astral dos paraísos.  
Glorificando os mágicos sorrisos.

Como um Deus, vive adstrito em toda  
parte,  
Na pureza lirial da vida e da arte  
É o precursor do cosmopolitismo,  
Percorre o espaço, solidões e abismo.

Surge da treva ao sol ou ao luar albente,  
Vendo o mundo rolar celeremente...  
A vida é uma esperança malograda  
Que só se alcança em sonhos de alvorada.

Coração ao sonhar em outra esfera,  
Em busca de um olhar que nos espera.  
Olhar de tanta luz que me extasia,  
Convergingo aos umbrais da Academia!

## ÁGUA CORRENTE

Mulher de olhar tão puro e cristalino,  
Vejo-a fulgindo em êxtase divino!  
No simbólico altar da fantasia,  
Me embeveci no teu olhar, Poesia!

Que me transmuda a vida em doce  
encanto,  
E me faz mais veloz subindo tanto...

ILHÉUS  
(A Nathan Coutinho)

Sol nascente a espargir-se à turva de um  
poço...  
Sinto-o engolfado em mim em carícia e  
lealdade,  
Reavivando com a sua eterna mocidade  
Os ideais que guardei no coração de moço.

Joia incrustada ao mar... – guardada e  
liberdade,  
Porque seus cacauais, esplêndido colosso,  
É o toque magistral que Deus, no eterno  
esboço,  
Com as suas mãos gravou... fecundas de  
bondade.

De joelhos ante o mar, eu sussurro uma  
prece...  
O Evangelho do Amor, à luz que o sol  
projeta,  
Onde o céu, junto a nós, espelha a sua  
messe,

## ÁGUA CORRENTE

Orna o flóreo rincão que a nenhum se  
equipara,  
Na intensa vibração do meu sonho de  
poeta,  
No cérebro a luzir, como uma estrofe rara.

## BAHIA

(A Antonio Baracat Abib)

Bahia envolta no esplendor da lenda  
Sob o céu paternal de olente flor  
Meu fanal a fulgir nesta oferenda  
É de uma comunhão de trovadores.

A cruz de Deus fincada em tua senda  
Tem brasões em fachadas multicores,  
O passado de glórias se desvenda  
Na tradição de heróis e pensadores.

A revoada de pássaros arfando  
Entoa sob os céus o supremo hino  
De amor e crença se imortalizando,

A glosar o Brasil no coração,  
Como força vital do seu destino,  
Na esperança maior de redenção.

## RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro é um sonho! É a messe  
Dos nossos sonhos... Vou à tua casa,  
Com vivo amor que fortalece e abrasa  
O manjar fecundíssimo da prece.

Se a alma da crença vibra e se extravasa,  
Ante esse ardor, toda a orbe se enternece,  
E a massa humana, fervorosa, cresce  
Como cresce o esplendor em tua casa.

Maravilhoso altar sobre a colina,  
Aos pés do Cristo desabrocham as rosas  
Ao dissipar-se o manto de neblina.

Desce um halo de pétalas frementes,  
Como a cair do céu, das nebulosas,  
Para embalar os lares sorridentes...

## CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL

Rosas envolvem todas as criaturas,  
Pelo esplendor da terra iluminada,  
Unidas pela fé, nesta escalada  
De sonhos que se eleva nas alturas.

Como raios de sol em manhãs puras,  
No turbilhão da vida em densa estrada,  
Revive a paz do amor, manifestada  
Nas sensações das íntimas doçuras...

Ó povo de além-mar, sede bem-vindo!  
Com as vibrações no altar da Onipotência,  
Nos abismos das ondas refletindo.

Possam elas pairar pelas estâncias,  
Perpetuando-se em Deus, em sua essência,  
Ou em todas as ternas ressonâncias.

A VIDA  
(A Benedito Cardoso)

A vida! Anseio ardente de alvorada  
De infantes corações enternecidos,  
No nascente da dor, desprecavidos,  
Em ascensão vital para a jornada.

Tenho no sonho a vida perturbada  
Pela atração sutil dos meus ouvidos,  
Na vibração dos ecos doloridos  
Da humanidade em luta, alucinada.

Anseio pela estrada da existência,  
No mar da dor, aos transe da inclemência,  
Lacerado nos cardos, nos espinhos...

Sem luz a pervagar pelos escolhos,  
Na encruzilhada vil desses abrolhos,  
Como um cego perdido nos caminhos...

ROSA DO OUTONO  
(A Francolino Neto)

Rosa do outono as pétalas se abrindo  
Ao pensamento em cândidos cismares:  
Casta saudade – cinzas refluindo!  
– Flama etérea no incenso dos altares.

Rosa da minha infância refletindo  
Em ascensão meus íntimos cantares;  
Dourando a estrada em versos, revestindo,  
De amor e sonho, os bosques seculares.

O sol fremente em ritual se espelha.  
– Rosa do outono. Tênu flor vermelha.  
Em fina essência se desprendem as gazes.

O céu semelha róseo mar de espuma,  
O espaço ebúrneo se transforma em  
bruma,  
E a mata verde em florações lilases!

“CANTIGA DA TARDE  
NEVOENTA”  
(A Clóvis Lima)

Camilo de Jesus Lima  
Canta a “Tarde Nevoenta”,  
Cantando a dor e a saudade  
Que mora dentro da gente.  
Ele atravessa fronteiras  
Cantando a “Tarde Nevoenta”;  
Semelha um gigante alado  
Nas asas foscas do vento.  
Quem me dera acompanhar-te  
Pelo caminho da noite,  
Quando a lua está deserta  
Em mundos descomunais,  
E a terra imensa, rolando,  
Em desespero e lamento...  
Nossos irmãos mais dispersos  
Sentem passarem teus passos  
Na bruma macia e leve!  
Quem me dera acompanhar-te  
Em tão bela romaria,  
Chegar de perto, envolver-me  
Na flama dos teus cabelos  
Feitos de sóis e de arminho.  
Tua voz é o lenitivo

Das mulheres torturadas  
Por este mundo agitado,  
Onde o homem se perturba  
No ciclo da encruzilhada...  
Tua voz árdua semente  
No firmamento da ideia,  
Teu olhar clarão aceso  
Na poeira das estradas,  
Disseminando o segredo  
Em canções e madrigais,  
Tua destra agita o espaço  
E o sol a beija extasiado,  
És a “Tarde Nevoenta”  
Dos abismos insondáveis.  
Quem me dera acompanhar-te  
No roteiro da Poesia!  
Ao teu jardim de esmeraldas,  
No teu alforje de estrelas,  
À cortina do horizonte,  
Ao solar do Rei Apolo  
Onde teu verso irradia!  
Irmão: é teu o oceano!  
Tu bebes o beijo ardente  
Das morenas de Changai  
Em porcelanas de luz...

## A CEIA DE CRISTO

Ouvem Jesus, à mesa, emudecidos,  
Sob o esplendor de bem-aventuranças!  
– Precursores de nossas esperanças,  
– Mensageiros em todos os sentidos.

Homens de fé. Conscientes, decididos,  
Abrindo a senda aos velhos e às crianças,  
Flamejando em auroras de bonanças  
Aos míseros sem luz, amortecidos...

Jesus falou...depois, em horas mudas,  
Ele antevê na insensatez de um beijo  
A ignomínia satânica de Judas.

E o castigo, afinal, que tudo encerra,  
Perpetua naquele malfazejo  
A ingratidão dos homens nesta terra.

## A MORTE DE CRISTO

Jesus – humilde. O excelso prisioneiro  
Exangue no Calvário, em agonia,  
Recebe a extrema-unção num derradeiro  
Beijo de luz, lançado por Maria.

Sobe depois, pregado no madeiro,  
Serenos, à dor tão grande, que o crucia,  
E o firmamento em lúgubre nevoeiro  
Envolve a terra em densa nostalgia...

Cristo morreu... findou-se o ciclo  
enorme...  
A terra treme... etéreo sono dorme  
O Autor de grandes e divinos atos.

E o crime que enlutou a humanidade  
Gravou na terra a vil perversidade  
Do coração maldito de Pilatos...

## SÃO PEDRO

Pedro viu expirar o cordeiro bendito,  
Apóstolo do Bem, pelo mundo disforme,  
Forjando com o seu sangue esse elo de  
granito  
Tosca imagem da Fé, de grandeza  
uniforme.

Pedro vai espertar todo o Império que dorme  
Nas entranhas do mal, no báratro  
proscrito,  
Sua voz é o clamor daquele crime enorme  
Que a terra estremeceu num ciclone  
infinito.

Na cidade dos Reis seu santo vulto assoma,  
Quando Nero a imergir na volúpia e no  
crime,  
Indicia os cristãos pelo incêndio de Roma!

E como se os fiéis ressurgissem das  
tumbas,  
Nas vascas do terror, dando exemplo  
sublime,  
Ensinava o perdão dentro das  
catacumbas...

## VIRGEM SANTÍSSIMA

Como teu vulto cresce, Mãe querida,  
E em Ti, a nossa fé, se unificando,  
Faz-nos ouvir, nos transe desta vida,  
A Tua voz dulcíssima ressoando.

Água bendita a sede mitigando,  
– Fonte do Bem, tão doce e apetecida,  
As almas como a flor desabrochando  
Nessa fonte de amor buscam guarida.

Quanta grandeza em teu olhar sublime,  
Que rememora a morte de Jesus,  
Lançando o teu perdão, que nos redime.

E a centelha da fé, que nos invade,  
Há de ser sempre o bálsamo de luz,  
De perdão, de esperança, e caridade.

DEUS

Há uma força suprema, onipotente  
E misteriosa aos páramos da luz!  
Que sobre a terra paira transcendente,  
E ao nosso olhar atônito reluz.

Fez da terra brotar vital semente,  
Semelhança que em si mesmo transluz.  
A luz da Fé que, no âmago da gente,  
Jorra esperança e caridade a flux!

Força que a humanidade corrompida,  
Vence os transe da dor fortalecida  
Na doce compaixão dos olhos seus.

Essa força que é pão de cada dia,  
Embora criança, eu já bem compreendia.  
Que é a grande força salutar de Deus!

MENDIGO  
(A Edgar Souza)

Quando o vejo a trilhar a rota incerta,  
Sem pão, perambulando em noite umbrosa,  
Meu verso – asa da dor no peito aberta,  
Abre-se ao mundo, qual manhã formosa.

Como se fora a estrela luminosa  
– Farol de Deus na imensidade alerta,  
Para seguir a vida tumultuosa  
Tem consigo a esperança, que o desperta.

Ombros vergados pelo sofrimento,  
Abro meus braços sem ter pão e abrigo,  
Eletrizado em seu olhar sedento.  
E a fé me ungiu de consolação,  
A minh'alma é o Universo, a seiva e o trigo,  
Transformando em seara o coração.

## APOTEOSE DOS DEUSES

Festa de deuses em louvor dos deuses,  
Bela apoteose de fraternidade,  
Nós assistimos infinitas vezes  
No céu... na terra... à sua divindade.

Que importa a vida cheia de revezes,  
Quando há prenúncios de felicidade,  
Ei-los, em suma, em suas catequeses  
Traçando rumos para a humanidade...

Eis a ventura de um pressentimento.  
Anjos em coro, em festival divino,  
Espalham flores pelo firmamento.

O nome ecoa pelo céu profundo,  
E a terra aclama o nobre e pequenino  
Servo de Cristo – o meu Miguel  
Raimundo!

## SUPREMO ANSEIO

Quando eu surgi em meio do Universo  
Pela senda infinita da amargura,  
Quis perpetuar a minha desventura  
Na sinfonia do primeiro verso,

Cantando a mágoa pela noite escura  
E pervagando pelo mar asperso,  
De olhar ralado e o coração imerso  
Na dor, no desespero e na tristura...

Olho angustiado para o firmamento,  
Vendo a distância que de mim separa,  
Semicortada pelo pensamento.

E cansado de errar pelo caminho,  
Volto na estrada que os meus pés sangrara,  
Plantando flores para o meu filhinho!

DORES ÍNTIMAS  
(A um poeta que enlouqueceu)

Louco sublime às portas do jazigo,  
Canta as desgraças, canta o desconforto,  
De quem padece em pleno desabrigo  
No mar das ilusões rumando um porto.

És a torva expressão de um sonho morto  
Rememorando o teu ardor antigo,  
Sem conter n'alma o coração absorto  
Da heroica pátria que vibrou contigo.

Entretanto, da loucura nos abismos,  
Vendo a lira rolar sobre os escombros  
Como se o sol tombasse em cataclismos;

Soluça a pervagar na dor infinda,  
Atormentando em túrgidos assombros,  
O grande sonhador que sonha ainda!

## O URUBU

Ei-lo só, afinal, nos restos de uma ossada,  
Alquebrado o urubu, velho, triste e  
indolente,  
Outrora vencedor do espaço, heril, fremente,  
Rasgava o céu azul num voo de alvorada.

Em dias de calor olhava indiferente  
O mundo, no apogeu da altura ilimitada,  
Senhor do firmamento em rútila jornada,  
Descia como um Rei, majestoso, imponente.

Ai de mim! Eu que ausculto os corações  
humanos,  
Vi o urubu sem essa intrepidez radiosa  
Das asas, a tombar, vencido pelos anos.

Como ele, muita gente existe neste mundo,  
Que depois de viver em ascensão gloriosa,  
Sem pão, arqueja só, num frio catre  
imundo.

GLÓRIA REGINA

Quis minha filha que eu falasse nela,  
Na doce primavera dos quinze anos,  
Traçando o esboço de profundos planos  
Que a experiência da vida nos revela.

Ai! quem me dera, contra o mal e os danos,  
Vê-la sempre como é, doce e singela,  
Longe da tentação dessa quimera  
Que martiriza os corações humanos.

Que ela seja feliz na plenitude  
Do amor, mas sempre palmilhando  
Os caminhos mais puros da virtude,

Embevecida em cânticos, – sorrindo...  
Na elegância dos pássaros, – voejando...  
Na doçura das pétalas... fulgindo!

ANA LÚCIA  
(Miss Bahia 1970)

Vens de um tronco a lembrar que o nome  
exalta e exprime  
Toda pompa e esplendor que o passado  
descerra;  
Na opulência que eleva a beleza sublime  
A pairar majestosa aos céus de minha terra.

Eu quisera cantar, mas a lira me oprime,  
Num tumulto ancestral, – qual trombeta  
de guerra,  
A glória a te exaltar, enaltece e redime  
O poder sedutor que o teu olhar encerra.

Vejo-te como o luar que nas ondas  
dormita,  
No teu ciclo a luzir em rutilante aurora,  
Numa constelação de grandeza infinita.

No teu trono em que a musa aspira a um  
verso dar-te,  
Em derredor de ti, levanta-se, nesta hora,  
Nosso povo feliz para glorificar-te!

## AGONIA DO SOL

O sol agoniza...  
O silêncio que tomba sobre as cousas  
Já prenuncia uma profunda mágoa.  
Oh, Sol! – louro poeta das manhãs  
radiosas,  
Imensamente só, vives triste também.  
Mas a lua traduz o teu olhar sublime  
Quando às portas douradas do levante  
assomas  
Vencendo outro infinito através do  
infinito.  
Escreves com os teus raios o poema de um  
sonho  
Cujo segredo em vão tento compreender  
Folheando o teu livro de amor há milênios  
aberto...  
Mas sonhei que te via, ó! Sol, tombando  
para o ocaso  
Da vida e, espalhando a luz sangrenta pela  
estrada...  
E a lua, tua noiva eterna,  
Derramava, sobre a terra,  
As suas frias lágrimas de opala.

## MENOTI DEL PÍCCHIA

Teu verso – hino de luz em serenata  
Numa eclosão de amor, aos céus distantes,  
É o sussurrar dolente da cascata  
É a ave a gorjear nos prados verdejantes.

É uma saudade infinda que retrata  
A caminhada atroz dos imigrantes,  
É o dia amanhecido em plena mata  
Na profusão de raios rutilantes.

Teu nome exprime traços de linhagem  
Daquele povo que viveu sofrendo,  
E marcando a histórica passagem,

Que valoriza o epílogo mais lindo:  
O teu grande talento florescendo  
Na profusão do cafezal florindo.

EVA PERON

De joelhos, a chorar, toda Nação contrita,  
Beijou aquelas mãos, de beleza tão rara,  
Quando a alma de Peron, despedaçada e  
afflita,  
Gemia no final de um ciclo que findara.

O sol, a refletir na terra que dormita,  
Numa réstia de luz que do acaso assomara,  
Engasta na amplidão o retrato de Evita  
Para sempre lembrar o mundo que rolara...

Sua voz se elevou pelos Andes em fora,  
Em torrentes de fé, num frêmito de  
aurora,  
Na escalada do Bem em marcha sem parar,

Porém se fez maior no grande sofrimento,  
Pois do amor construiu o excelso  
monumento,  
Para exemplo de um povo a quem soubera  
amar!

## DOM BENEDITO ZORZI

Belo exemplo de fé que nos fascina,  
Pelo amor de Jesus sempre adorado,  
Disseminando a paz e a sã doutrina  
Em férvido e candente apostolado,

O homem na treva ou pelo vício atado,  
O vosso olhar de pai, sempre o ilumina,  
E o pecador ressurgue acrisolado  
Nessa eterna virtude peregrina.

Em prol do Templo dos seminaristas,  
Humilde ao sacerdócio das conquistas,  
Vossos trabalhos se multiplicaram,

E tanto, que a saudade, agora, impera,  
Como beijo do amor que prolifera  
Por onde aqueles santos pés andaram...

PÉTAÏN

Ungido pelo amor no altar do Bem contrito,  
Simbolizando a dor, na explosão da metralha,  
Quisera eu decantar em um poema infinito  
O teu perfil de herói nos campos de batalha.

Ouvindo-te a palavra, um povo clama aflito,  
E a ronda de pavor pela França se espalha:  
A tua voz, então, é um impávido grito,  
Envolvendo Verdun – invencível muralha!

Tua voz de comando era um brado  
profundo,  
E o teu gênio venceu, salvando a pátria e o  
mundo  
Na escalada triunfal da excelsa liderança!

No presente, que importa o fastígio da  
glória?...  
Já antevejo surgir no resplendor da história  
O teu nome imortal de MARECHAL DE  
FRANÇA!

## A FESTA DAS FLORES

Para a grandeza magistral do sonho,  
Quando o silêncio nos desperta, esquivo,  
A alma da solidão, desfeita em bruma,  
Ressurge em versos espargindo aroma.

Sob o infinito as infinitas vagas  
Do mar... o mar revolto se entenece,  
Beija lascivo aurifulgentes rosas  
Na espessa rota de painéis e abrolhos.

A chuva irrompe num frescor de espuma,  
Arco-íris de estrelas fascinantes  
Inunda a terra de um fervor festivo.

A passarada lúbrica, fremente,  
Em revoada, com asas coloridas,  
Espalha flores sobre a nossa gente.

## VOZES DO ERMO

Revejo os Aturés do Rei Humberto  
no ciclo dos meus olhos injetados...  
e o meu canto de dor ao som de um grito  
vincula-se ao gemido dos guerreiros.

Arrastados à luta...lacerados  
no dorso das espadas cor de bronze:  
vão morrendo, esmagados, mutilados,  
a cabeça dos filhos sob os pés.

E a bandeira tremula como sombra,  
na imensidão dos trágicos sepulcros  
qual esteira de neve na colina.

Como pedra fincada ao fim da linha,  
o pomo da discórdia inda perdura,  
numa nesga de terra em mão vazia.

## APOTEOSE

Amanhece... a luz vai rompendo a treva...  
O sol um Deus – Menino em nossas  
almas...

Minha “Princesa”, oásis de ternura  
E o mar um Rei de espadas mutilado.

Arco-íris em forma de serpente  
Enlaça os horizontes na colina!  
Surge Nossa Senhora refletida  
Nas piscinas de estrelas convergentes...

Vem, dos jardins fecundos do levante,  
A multidão de jovens, conduzindo  
Flores, para Lomanto Júnior inebriar-se,  
Em pleno altar do nosso ardor festivo...

Sorrindo abraçamos  
Lomanto e Demostinho  
Perpetuados no sonho de cem anos...

NADA

Do convívio de heróis, sábios e Reis de  
França,  
E o frêmito do amor na alta aristocracia,  
Sinto o eflúvio e o langor de uma eterna  
lembrança  
Da Princesa que amei no Império da  
Áustria-Hungria.

Na Pérsia, nos haréns, em luxúria e bonança,  
Alcei-me, em plena luz, ao trono da Utopia,  
O universo vibrei num halo de bonança  
Pela ressurreição da suprema harmonia.

Incrustrada nos sóis minha crença cavalga,  
E, ostentando braços de uma origem  
fidalga,  
Vi o mundo aos meus pés em fulgente  
escalada.

Hoje aspiro a alcançar, todo o meu corpo  
exangue,  
E no abismo a rolar sem um fluxo de  
sangue,  
O prêmio do perdão, no pé, desfeito em  
nada...

URUÇUCA  
(Para Waly e Wilde Lima)

Venho enfim repousar no estertor da  
amargura,  
Lacerado de horror e o pensamento aflito,  
Conclamando o perdão num doloroso  
grito  
Para te ver surgir da imensa desventura.

Teu passado de luta é um labor inaudito:  
– Labor dos ancestrais – nos legando a  
fatura  
E a paz nos corações, – num halo de  
doçura  
Que o trabalho constrói para o gozo  
infinito.

Hoje, venho chorar à luz da eternidade,  
Arqueja o coração e a rima da saudade  
Paira, como um labéu, em tua face  
exangue.

E a dor que dilacera, a que ninguém resiste,  
Ferindo a multidão atormentada e triste...  
– Aquele olhar de mãe, encharcado de  
sangue...

## ROSAS

Essas rosas gentis de minha vida,  
Amei-as num febril devotamento,  
Como se fosse uma alma compungida  
No vasto lodaçal do sofrimento.

Transfigurou-se a pétala caída,  
A rolar, dentro em mim, no pensamento,  
E no triste olhar à flor emurchecida  
Empresta o mais tristonho desalento,

Sonho da tarde azul da imensidade,  
E irrompe o luar por sobre a noite fria,  
Como um caudal de bênção e saudade.

Rosas, terna existência aberta a flux,  
Rosas, flores olentes de Maria,  
Rosas, chagas abertas de Jesus...

O JORNALISTA  
(A Octávio Moura)

Eu te almejo a coroa ornada de ouro fino  
E pérolas de orfir... tudo que bom pareça;  
E depois de incrustá-la em verso  
adamantino,  
E flores, adornar tua régia cabeça.

A vida nos conduz em face do destino  
Para que a luz da razão nunca jamais  
feneça,  
Que paire sobre ti louro clarão divino  
E a crença em teu porvir abra-se e não  
pereça.

A imprensa é o teu altar onde ajoelhas  
contrito,  
Pela glória de ter a virtude tamanha  
Em descendência moral humanamente  
invicto,

Nesta infinda escalada em que te arrojas a  
esmo,  
– Homem feito condor no cimo da  
montanha,  
Sem talvez a altura de si mesmo...

## MAJORES PENAS NIDO

Como uma ave que foge espavorida  
Para abrigar-se ao ninho, docemente,  
Na luz do coração, em verso ardente,  
Busco no sonho plácida guarida.

É o coração pivô da humana lida  
Em vibrações, imperturbavelmente,  
Em espelho d'alma a transluzir fremente,  
Como um farol em pleno mar da vida.

Por isso, coração, quis perscrutar-te,  
Tentando uma escalada à sombra da arte,  
Através da amplidão do firmamento.

Pairando à esfera azul, pelos espaços,  
Por não conter nos músculos dos braços  
Os lúbricos ideais do pensamento...

## FLOR DE LIS

Quedo a cismar, atormentado e aflito,  
Fitando o céu em seu fulgor infindo,  
Ao clamor ofegante do meu grito  
Vejo-a surgir, como um farol, luzindo.

Visão transcendental, imorredoura.  
No céu esparsa do meu pensamento,  
Vejo-a pairar no azul como se fôra  
A estrela d'alva no deslumbramento.

Tem um riso de fé para os descrentes  
O seu olhar de crença e de esperança  
A sensatez nos gestos complacentes  
E a candidez da flor de lis de França.

Era grande na dor ou na ventura,  
Seu coração um mar de amor vibrando  
A sua voz um halo de ternura  
Em harmonia se dulcificando.

Minha mãe semelhava um lar em festa,  
Em festival de todos os cantores,  
Um roseiral suspenso na floresta  
Atraindo milhões de beija-flores...

## ÁGUA CORRENTE

Ao traçar sua imagem peregrina  
A argêntea luz solar me eletrizara,  
Resplandecendo em mim, alma divina,  
Como um arco-íris de frequência rara.

Vejo-a qual nívea flor imaculada  
Que nos dardos do sol transfigurou-se,  
Dos pés de Deus imersa na alvorada,  
No coração de um poeta projetou-se.

## VOZES DO SONHO

Nessa manhã de vinte e dois de agosto,  
Senti meus membros mais desajustados:  
Os meus olhos se abriram num sol-posto  
Na chama rubra dos desesperados...

Nesses mares do sonho navegados,  
Busco esquecer esse íntimo desgosto,  
Pelas ondas dos olhos marejados  
Formando oceanos nas maçãs do rosto...

Minha Mãe! Minha voz jamais exprime,  
Do seu amor as bênçãos dadivosas,  
Meu santo arco-íris de visão sublime!

Hoje me arrasto ao lodo das estradas,  
No tremedal das curvas tenebrosas,  
Na rota incerta das encruzilhadas...

DOM JOÃO RESENDE

Carrega a santa cruz por íngremes estradas,  
No esplendor da fé, em plenitude rara,  
O amor a difundir nas rútilas passadas  
Através da palavra eletrizante e clara.

Disseminando a crença em hinos e  
alvoradas,  
Na doutrina do amor que nas almas  
semeara;  
Ressurgia o frescor de rosas orvalhadas  
Perpetuando entre nós uma visão  
preclara...

O Evangelho do Bem, a missão soberana,  
Que se curva ao sentir minh'alma  
embevecida  
Na doce comunhão da paz que nos  
irmana,

Num culto emocional para a glória  
suprema,  
Quisera eu lhe ofertar por prêmio a tanta  
lida,  
Um breviário de luz, engastado num  
poema!

## MIRAZUL

A luz dos olhos teus, centelha luminosa  
Jamais refulgirá – esperança perdida!  
Minha alma errante e só, tristonha e  
lacrimosa,  
Em meio do deserto é uma árvore sem  
vida.

A dor é sonho aberto em flamas para a  
glória,  
Bendigo a imensa dor ao som de um novo  
hino,  
E assim conquistarei a palma da vitória  
Vencendo a própria dor e esmagando o  
destino.

Jamais me olvidarei dos ditames da sorte,  
Pois vejo transluzir nos tristes olhos meus,  
A luz de uma esperança aberta para a  
morte  
E o reflexo da dor aos páramos dos céus...

Mirazul! Mirazul! Eu não via, querida,  
Na luz dos olhos teus, sublimes, divinais,  
Que eu seguia em roldão no lodaçal da  
vida

Sem nunca compreender que te amava  
demais.

Em vão idealizava a terra inteira em flor,  
Para depois rolar em densos cataclismos,  
Na dramatização desse infinito amor  
Rola por terra um sonho em túrgidos  
abismos...

Treda imaginação no murmúrio da prece,  
Morre de uma esperança a única folha verde,  
A Glória, o Sonho, o Amor, tudo então  
desfalece  
Dentro do coração... e a alegria se perde.

Nau da vida a vagar indefinidamente  
Na leda orquestração, sobre as ondas, a  
errar,  
Passo a vida a cantar compungido,  
descrente,  
Uma régia canção desse amor singular.

Se o marinheiro leva ao almejado porto,  
O seu barco sem leme em rumo Norte ou  
Sul,  
Canto a triste canção de um grande sonho  
morto

Por não poder chegar aos pés de Mirazul!

Flor da minha ilusão aberta em astros.  
Naquela noite límpida e sonora,  
Entretanto a minh'alma ardendo chora  
E o coração vazio anda de rastros...

Porque assim hás de ser em toda vida  
Um sonho morto, uma esperança morta,  
Perpassando no beijo que conforta  
O tormento da mágoa ressentida.

Ontem, vibrando a lira em doce arpejo,  
Na volúpia da alcova, como um ninho,  
Suguei o amor na excitação do beijo  
Como se fora um cálice de vinho.

Hoje recordo o teu olhar distante,  
Abrindo em sonhos, uma ideia, acesa,  
No delírio da boca palpitante  
Por tua boca ao vício da impureza...

Vejo-te assim, tão meiga, corrompida,  
Pelo fragor das noites deletérias,  
Porque és feliz, talvez demais, querida,  
No turbilhão de todas as misérias...

## SINFONIA DA DOR

Nesta tarde estival que nos parece  
Que o mundo volve displicentemente  
Ao Calvário da dor de quem padece,

Eu sigo, errante, pela estrada ingente  
Alheio às torpes sensações impuras,  
Sem temor, sem cansaço, indiferente.

Incendeia o ardo fogo das alturas,  
E o sol transpondo as regiões do nada,  
Abre caminho para nós, criaturas.

A Natureza esperta na alvorada  
Dos deuses, a espalhar na voz do vento  
O poema da terra conflagrada.

O mar, o cavo mar, ruga violento,  
E o poeta sonha no estertor da vida,  
Sublimizado pelo pensamento...

Cai no leito da estrada indefinida,  
Sentindo em si vibrar milhões de vozes.  
Vozes de estoicos nessa humana lida.

E depois em vitais metamorfoses,  
Vai se arrojando no auge da contenda  
Enfrentando insucessos tão atrozes...

Sonha, para viver de etérea lenda,  
A rolar em planetas luminosos  
Sem perceber jamais o que desvenda.

Irradiação de seres majestosos  
Que perscrutam em ciclo que extasia  
A nitidez de mundos vaporosos.

Se queres ter o sonho em harmonia,  
Deus é o centro de luz de nossa crença  
Transfigurado em pão de todo dia.

Por que voltar a tua indiferença  
Ao Rei das gerações, que nos governa,  
Esta suprema luz estuante e intensa,

– Dentro do sonho, para a vida eterna?

ANÍSIO MELHOR

(Patrono da Cadeira n° 5, da  
Academia de Letras de Ilhéus)

Melhor seria perpetuar num canto  
O amor que exalta o teu passado augusto:  
Ó mestre, penso que tu és um santo,  
Sob a simples feição de um homem justo.

Crianças abrigas no solar vetusto,  
No gozo extremo de servi-las tanto!  
E então pelo chão adusto  
Régia saudade de emoção e pranto.

Braços abertos para os oprimidos,  
Sofrendo com prazer dura sentença,  
Na luta sem parar de anos seguidos...

Depois, erguendo tua pena em riste,  
Teu vulto assoma na amplidão imensa,  
No panteon da terra que serviste.

## JOÃO PESSOA

(Covardemente assassinado na capital de Pernambuco em 26 de julho de 1930)

Quem diria que num país como este,  
Tu surgisses, varão predestinado!  
Na heroica Paraíba em que nasceste  
À Pátria ergueste o teu ingente brado.

A mocidade grande exemplo deste  
Pelo amor ao Brasil idolatrado,  
Depois volvendo à mansidão celeste  
No etéreo sono personificado.

Na rigidez de máscula energia,  
Com estoicismo ardente planejaste  
A derrocada de uma oligarquia.

Mas, que importa da vida esse abandono,  
Se pelo ideal de tudo que sonhaste,  
No coração da Pátria ergueste um trono?

DOR E SAUDADE  
(À memória de Léa Rego)

Doloroso e tristíssimo semblante  
De quem chorando aos pés da cruz  
padece,  
Num terno olhar fitando o céu distante  
Quando uma estrela rútila aparece,

Aqui vos trago, nesse amargo instante  
Lenitivo de paz em minha prece,  
Embora aumente a vossa dor cruciante  
Na voz da angústia que jamais fenece.

Quanta tristeza em vosso olhar diviso:  
“Ser mãe é padecer num paraíso”,  
Que a mensagem do amor vos acompanhe,

Num voo de luz que o pensamento  
exprime,  
Aos pés de Deus, num êxtase sublime,  
Pela Graça infinita de ser Mãe!

## DESENGANOS

Chego afinal aos montes regelados...  
Ermo, a sangrar o coração em ruínas,  
Visão de horror dos entes torturados,  
Ante o fragor das hordas assassinas...

Pelos mares da vida navegados,  
Nesses mares de místicas rotinas,  
São faróis aos meus olhos lacerados  
Aos reflexos de estrelas matutinas.

Alma que vibra em êxtase de luz,  
Em cujo sonho o poeta se extasia  
Pela rima no verso que reluz;

Se a luz aclara os cérebros humanos,  
Em mim renasce o sol da nostalgia  
Dos desenganos, tristes desenganos...

## TRÁGICO DILEMA

Meu pensamento a errar pela amplidão  
celeste,  
Torturado de horror, imenso calafrio,  
Vago como um rumor em deserto sombrio  
E triste como o luar pelas montanhas do  
oeste.

Quis então palmilhar a senda onde  
sofreste,  
Lacerado ao revés de incruento poderio,  
Sem um beijo de alento ao coração vazio,  
Comungado o amargor desse fel que  
bebeste.

Conquanto ao julgador tragicamente rude,  
Para a glória do Bem em contraste a  
ironia,  
Tens na alma a redenção da crença e da  
virtude.

Jesus teve juiz e tão mal foi julgado:  
Cada ultraje... uma estrela em seu olhar  
fulgia,  
E uma flor espontava em seu peito  
aureolado.

## A ESPERANÇA

Bendita sejas tu (num brado amigo)  
Dileta companheira do meu sonho,  
A primeira escalada hoje transponho,  
Cheio de crença a palpitar contigo.

Quando outrora nas ondas do perigo,  
Minh'alma presa em lodaçal medonho,  
Vendo em roda de mim tudo tristonho  
Me espalmaste a tua asa em doce abrigo.

E assim, a transmudar um sonho de  
infante,  
Em meio à treva e o horror de instante a  
instante,  
Dos espinhos da dor surge a bonança.

Palmilhando no azul, vencendo a treva,  
Na infinita ascensão que o verso eleva,  
Meu coração saúda-te – Esperança!

## AMOR DE MÃE

Alma sublime de bondade cheia,  
– Misto de encantos e purezas mil,  
A voz parece um canto de sereia  
Em volata nos mares do Brasil.

No excelso altar de Mãe a alma se enleia,  
Alcandorada sobre o céu de anil,  
À infinda região que ao sol pompeia  
Nas paisagens de um sonho varonil.

E sonha ... poetizando uma esperança,  
Que nas asas do amor ingente alcança,  
Na redenção de esplendoroso brilho.

Fitando o céu num riso de clemência,  
Porque o amor nos transe da existência  
A maior glória é ter ao colo um filho!...

## PRINCESA

Como um raio de fé na vida intensa  
De um passado que o mundo revigora,  
Revejo Dante a contemplar Florença  
Numa visão puríssima de aurora.

Eterno, na Comédia em que deplora  
Da pátria augusta o exílio e a indiferença:  
No seu olhar eternamente aflora  
O amor que exalta a humanidade e a  
crença.

De ti, querida, os gestos portentosos,  
Me despertaram traços diferentes  
Na sequencia de sonhos vaporosos.

Em tuas mãos, nas conchas divinais,  
Reaparecem as linhas prepotentes  
De um reinado dos tempos medievais...

## UMA SOMBRA NO EGITO

Como um raio de luz... transfigurou-se  
Meu sonho angelical, no velho Egito,  
É que no ignoto Cairo emancipou-se  
Meu coração errante de proscrito.

Como se preso ao seu passado fosse,  
Contemplo o Nilo, e loucamente fito  
Aquela imagem que desfigurou-se  
Em Marco Antonio, o atormentado mito.

O meu olhar pungente as águas cinge,  
Clamo extenuado sob o céu de esfinge  
Na indefinível e angustiada estância.

Sou a sombra surgindo entre os abrolhos,  
Na profundeza etérea dos teus olhos,  
No doloroso ocaso da distância.

## OLIVENÇA

Desce o luar por sobre a noite densa,  
Reluz todo o passado que revejo,  
De olhar parado a triste lira arpejo  
Envolto à sombra casta de Olivença.

E sinto uma saudade – angústia imensa  
Na orquestração de um lívido solfejo:  
Na plenitude dos meus sonhos vejo  
A intensidade dessa mágoa intensa.

Os vestígios dos elos desprendidos,  
Aflige o pensamento divagando  
Na tela de horizontes incendidos.

E penso em teus caboclos superados,  
Inermes, sem domínio, pervagando,  
Qual bandos de ciganos desgarrados...

10 DE FEVEREIRO

(Para o invicto “Diário da Tarde”, aos 45 anos de sua fundação)

Desponta em plena festa a minha amada  
Musa, irradiando ao sol, de ardente clima,  
Traz o incenso nas conchas da alvorada,  
Nos acordes perenes de uma rima.

Faz no oceano e na selva uma pousada  
E nas fímbrias do arco-íris se reanima:  
Nas flores se reveste alcandorada  
E do “Diário da Tarde” se aproxima.

Numa eclosão de amor... vejo fulgindo  
Em ascensão de glória, refletindo  
O cenário da fama imorredoura.

No delírio triunfal de um povo crente,  
Pairam na gratidão de nossa gente,  
Carlos, Francisco Dórea e Octávio Moura.

## A SELVA

No mundo vegetal há soluços profundos,  
a tênue borboleta as asas dilacera  
– um pássaro desfere um canto alegre.

No côncavo da selva em relance ofegante,  
Uma corça resvala pelo desfiladeiro  
– um vulto negro assoma!

Nesse eterno torpor tudo enfim se  
agiganta,  
desata o alexandrino altissonante,  
que a cigarra declama...

Há um vago silêncio onde as folhas se  
cruzam  
no seio, da frondosa oitica.

## MINHA SAUDADE

Vem ressurgindo à tona no sepulcro  
numa concentração de violinos:  
o vento é melodia impregnada  
no perpassar das horas insensíveis.

Um coágulo de neve vai doirando  
a cristalização dos meus cabelos,  
bailam pelo semblante revivido  
moléculas de seres irmanados.

Regressa ao teu tugúrio distanciada  
das estâncias, na fímbria dos luares  
em nuances de pompa e refulgência.

Traz no olhar a fragrância dos extremos,  
em sonata no côncavo da treva,  
às paisagens nostálgicas dos ermos...

## FUMAÇA

O fogo envolve o Paraná nevoento...  
nuvens toldam o céu transfigurado,  
encrustado na cinza e na fumaça  
milhões de seres são carbonizados...

A gleba é um sepulcro flamejante  
dramatizando a imensidão dos astros;  
revive nas crianças laceradas  
o ciclo das angústias inclementes...

Paira no cume intenso da voragem  
como nave perdida sobre os mares  
a mortalha da selva ressequida.

E aquela gente no estertor da mágoa,  
vai contendo os soluços, carregada,  
nos braços dos irmãos que se aproximam...

AGILDO BARATA

A morte é um gorgoeio de ave na lombada  
dos séculos perenes...  
o sonho de uma aparência da glória  
acessível.  
Tua coluna dissipou-se  
no verde-azul da montanha  
ao teu olhar que vislumbra...  
batalhador indomável!  
Foste uma avalanche compressora  
do Grão-Pará ao Catete.

Como reverenciar-te agora?  
– O verso refluí nas flores que orvalham  
teu coração inerte,  
na paz da ingente marcha interrompida.  
Somos do eito a mitigar de 30  
o eco das estâncias...  
Não trago flores frescas e olentes,  
trago meus pés feridos na paisagem!

10 DE FEVEREIRO

Para o preclaro amigo  
Francisco Dórea

Trago para esta festa a idolatrada  
Musa; e, do céu ebúrneo do levante,  
As estrelas colhidas num flagrante!  
E nos ventos do sul, a passarada.

Trago os beijos ardentes do semblante  
Róseo da juventude bem-amada.  
E vejo na extensão da caminhada  
A alegria da terra exuberante.

Trago de Deus a luz de nossa crença  
E fé, na exaltação da boa Imprensa  
Como um marco de glória transcendente.

E no curso feliz da trajetória,  
Trago para você, Francisco Dórea,  
O abraço da cidade efervescente!

JOSÉ BASTOS

Na rima do teu verso há cousa rara  
Em beleza de forma adamantina,  
Tu bebeste na fonte cristalina  
A luz da inspiração ardente e clara.

A rima que o teu gênio burilara  
Irrompe ao sol, transcendental: culmina,  
E fala ao coração, à alma divina,  
Da mágoa que em teu peito se infiltrara...

Num anseio filial que não se exprime,  
Com estoicismo audaz, amor e crença,  
Perpetuas-te em página sublime!

No lirismo das horas perpassadas,  
Do teu canto renasce a luz intensa,  
Na harmonia das tuas alvoradas...

## SUBSTRATO

Na louca exaltação de todos os sentidos,  
Um grito de pavor predomina o  
inconsciente,  
E o homem jamais contém em silêncio os  
gemidos  
Da alma e do coração; alucinadamente.

Perdura no seu ser a voz treda e inclemente  
Da angústia a lhe espreitar os sonhos  
doloridos...  
Vê, com olhar piedoso, o céu claro e  
luzente,  
Mas o mundo parece um antro de  
oprimidos...

Sofre...vacila e cai... Como é vil o  
destino!...  
Mas que importa a visão trucidante e  
esquisita  
Da morte, a lhe rondar com o punhal  
assassino?...

E a mata secular no esplendor que se eleva  
Aconchega-se ao seio e ela anseia e dormita,  
Como deusa pagã na garganta da treva!

## VIDAS AMARGAS

Agonia do pobre em véspera de feira,  
A prole em derredor e a fome torturando,  
O pensamento aflito, o cérebro flutuando  
Em giro emocional de longa pasmaceira.

Revivo alucinado essa visão traiçoeira:  
O espectro do pavor num triste olhar  
pairando  
E o rijo professor a turma reprovando  
Como quem quer plasmar a geração  
inteira.

Órfão de Pai e Mãe tratado indiferente,  
Preso na infância vil à cruz esmagadora,  
Apela, estorce em vão, sob olhar  
inclemente.

De insucesso a insucesso ao pélagos  
arrastada.  
Concentra-se afinal – missão comovedora,  
Ingerindo o travor do presente e o passado.

## ATO DE FÉ

Coração de Jesus em minha casa,  
Envolto em rosas rubras e açucenas,  
Vibro por ter um Deus por companheiro  
– Farol, pelos abrolhos refletindo.

Há olhares imersos na indulgência  
Daquele olhar divinamente oposto,  
E a alma se extravasando numa prece  
Ao céu se eleva num fervor crescente.

A luz da crença o amor, a eternidade,  
A Igreja, a hóstia e a cruz, a liturgia,  
– Minhas santas mulheres do Calvário.

Maria Madalena, a excelsa graça,  
Divina, a eternizar-se nas angústias,  
Nossa Senhora, ó Mãe nos estertores...

POESIA

Áureo dossel... em face a humana lida,  
Em refúgio reclino o corpo lasso:  
– Cigarra aconchegada em teu regaço  
Na paisagem da tarde fenecida.

E a luz do canto a matizar o espaço  
Pela flama do poente refletida;  
E em peregrinações a alma aturdida  
Esplende e assoma em majestoso traço.

E a tua imagem cândida aos luares,  
Relicário divino em casta essência,  
Simbolizada em culto nos altares.

Vibro e proclamo a tua divindade,  
Mas, se te vejo ao limiar da ciência,  
Cega-me a vista a tua claridade.

# Capítulo II: Terra Violenta 1963

Aos heroicos  
desbravadores das  
terras do cacau.

## O DOSSIÊ DE CLARÊNCIO BARACHO

Clarêncio Baracho era um homem de letras, querido e admirado. Sabia transmitir emoções, vagando pela poesia lírica e filosófica que os seus trabalhos enfaixaram. Ruínas Sonoras, Terra dos Maus e Terra Violenta são alguns que até há pouco permaneceram inéditos. Água Corrente, lançado pouco antes de seu falecimento, em coletânea publicada pela Gráfica da Universidade Federal da Bahia, ensejou comentários os mais lisonjeiros, dos quais algumas palavras recolho para bem focalizar este assunto à luz dos seus méritos intelectuais. Assim, revendo o dossiê de seu arquivo, extraio opiniões muito honrosas que poderiam envaidecer o homem modesto que ele foi, mas que aí estão para nos orgulhar profundamente.

Jorge Amado, o romancista de fama internacional, assim se expressou após a leitura de um de seus livros inéditos: “Usando ritmos tradicionais, clássicos, você presta uma ampla homenagem poética às paisagens dos cacauais e à coragem dos desbravadores, “Titão fulgindo em auriverde flama”.

Pacífico Ribeiro, brilhante poeta e advogado, escreveu-lhe estas linhas: “Confesso-lhe que, no labor em que me encontro no exercício de minha estafante profissão advocatícia e no estudo de direito agrário, que não me oferece qualquer atrativo sentimental, a doce leitura que fiz do seu livro de poesia foi para mim uma pausa para o reencontro do sonho e como um bálsamo e agradável alento para o coração, elevando o pensamento às paragens da arte, da ternura, do amor e do encantamento”. Por sua vez, Severino Pessoa Uchoa, festejado intelectual, assim se expressou: “Depois de ler seus deslumbrantes sonetos, fiquei convicto de que a poesia clássica não desaparecerá enquanto existirem vates autênticos como os desse genial menestrel de Ilhéus”. Alexandre Lopes Bittencourt, artífice da palavra e autor de vários livros consagrados pela crítica, e brilhante conferencista, disse-lhe, apenas, esta frase consagrada: “Você merece, sem dúvida, um lugar na história poética da região onde nasceu”. Ainda, Wilde Oliveira Lima, escritor e poeta, externando a sua amizade, assim se expressou: “Seu livro, todo ele, é você mesmo, no melhor de seus momentos,

vivendo, como sempre viveu, a poesia essencial que transcende aos versos, à rigidez da métrica e à palavra justa, – e, nessa arte, você se fez mestre – para derramar-se por toda uma existência, tal como a sua, rica em lealdade sentimentos afins”. Cito também o Altamirando Requião, sem dúvida, o maior jornalista da Bahia, que, por várias vezes o visitou no leito de morte. Escreveu-lhe uma longa mensagem, da qual se destaca o seguinte trecho: “Eu não precisaria ler o que, de seu valor de poeta autêntico”, escreveu o confrade Clóvis Lima; o qual, aliás, não lhe fez senão justiça e não precisaria fazer, porque as antenas da minha emotividade seriam suficientes para me por em contato com a realidade de sua arte mágica.

O meu querido Olegário, de tão saudosa memória, que guardo e reverencio nas lembranças afetuosas que me deixou, num vasto cabedal de íntimas delicadezas afetivas, aquele Olegário, bem razão tinha quando escreveu aqueles versos que você transcreveu no limiar do seu livro. Os versos a que o brilhante acadêmico Altamirando Requião se refere, são estes: “Plantei na minha vida uma árvore sedento

De ter fruto e ter flor...”.

Antônio Loureiro de Souza, professor universitário, grande jornalista e autor de numerosos livros de História, ensaios e crítica literária, escreveu, no vespertino *A Tarde*, uma crônica excelente da qual se extrai um trecho expressivo: “O que há de notar no livro de versos de Clarêncio Baracho é a ternura. Sem desmedido lirismo, a sua poesia é assim como o transunto de um espírito voltado para o Bom e para o Belo”. Também Clóvis Lima, jornalista, poeta, da Academia de Letras da Bahia, prefaciando-lhe o livro *Água Corrente*, disse “Ninguém mais do que Clarêncio Baracho merece um lugar de destaque na história poética da Região Cacaueira. Fiel ao seu ideal jamais renegado, é um perpétuo prisioneiro da poesia tradicional, mas que bendiz a prisão que o traz cativo dentro das grades do soneto”.

De Armando Oliveira, brilhante cronista, as palavras são estas: “Aguapretense – dos bons, Clarêncio Baracho transava fácil com as musas, e seus versos tinham o verdor dos cacauais. Sem pertencer a qualquer movimento, igreja ou grupelho similar, ele desenvolvia seu estro por conta própria

e produzia poesia pelo prazer de versejar. Clarêncio Baracho foi o meu primeiro poeta municipal. Sem ele, o mágico universo grapiúna ficou mais pobre”.

O poeta Menotti Del Picchia, um dos maiores, assim se expressou: “Foi imensa a minha satisfação ao ler versos tão cantantes e grande a minha emoção pela soma de generosidade que contêm”. E de Mário Cabral, grande escritor sergipano, radicado na Bahia, cito o trecho: “Li os seus versos, do primeiro ao último sem uma só interrupção, e gostei de tudo. Bem feitos, bem urdidos, bem trabalhados, cheio de encanto, de lirismo e de ternura, honram a poesia baiana”.

Nathan Coutinho, poeta sensibilíssimo, disse, em carta da qual destaco o seguinte trecho: “A minha impressão do seu livro fortalece a minha opinião que vem daqueles longínquos tempos: São versos belos, medidos, sonoros, bem rimados como eu gosto, aprecio e também tento praticar. Agradeço, também, com muita satisfação, a sua lembrança em dedicar-me o belo soneto “Ilhéus” que é uma das pérolas do colar “Água Corrente”.

Essas opiniões consagradoras, provin-  
das de tantas personalidades, das mais ilus-  
tres do nosso mundo intelectual, ficaram  
gravadas no meu coração que jamais se can-  
sará de reverenciar a memória de Clarêncio  
Baracho. É de se esperar que os poemas reu-  
nidos em Terra Violenta logrem, igualmen-  
te, o mesmo sucesso de Água Corrente.

Antônio Baracho,  
Cadeira nº 11 da Academia Grapiúna de Letras.

## A SELVA

Pela estrada nevoenta da floresta  
Pervaguei, como outrora os missionários;  
Mensageiros de luz – de taba em taba,  
Buscando aqueles que desconheciam  
Deus, religião, amor e caridade.  
Embora fossem, no trajeto imenso,  
Surpreendidos e enfim martirizados,  
Não fenecia a flor inexaurível  
Da sementeira à santa Luz da fé...  
Tudo silêncio, tudo solitário,  
Meu verso fulge para descrever-nos  
Tanta grandeza na floresta virgem  
Há mistérios de amor indestrutíveis  
Dos gentios – famintos antropófagos –  
Revivendo nos seios dos tamoios!  
Quanta ventura, quanta primazia,  
A palpitar nas sombras multicores,  
Das ramagens e sombras que se abismam  
Nas amplitudes vastíssimas do céu!

II

E sob aquela cândida miragem,  
Jamais direi em verso altoquente,  
Toda a poesia que esta vida encerra  
Na esplêndida *Tebaida* indefinível  
O sol todo o Nordeste requeimava  
E um povo aflito em suma debandava  
Para as bandas do Sul, – heroico povo!  
Buscava a solidão da paz bendita,  
Na dadivosa terra que habitamos...  
Para depois lutar com galhardia,  
Vendo o sangue jorrar pelas veredas,  
Sem nunca mais conter os agressores...  
Em torno desse horrendo sacrifício,  
Só visto pelos céus da Califórnia,  
O cacauero ergueu-se em monumento  
Na imponente cortina dos Urais....

## MEU VERSO

O meu verso é a centelha que ilumina  
O vale, a grotta, a majestosa serra;  
O campo verde... tudo que culmina  
À infinita grandeza que te encerra.

Em face desse amor – mansão divina,  
Meu verso splende em explosão de guerra  
É o solfejo estridente da bucina,  
É a lágrima que chora minha terra.

É a flama do labor em sonho ardente,  
Uma esperança a flamejar veemente,  
Nas rimas desses cânticos tristonhos.

Bebendo a inspiração em tua leiva,  
Para vibrar, para soerguer da seiva,  
A tragédia sangrenta dos meus sonhos.

## AGONIA DAS ÁRVORES

O heroico forasteiro penetrava  
No *ermo* sem fim do matagal tranquilo,  
E sem temer que viessem persegui-lo  
Em roça a espessa grota transformava.

O mais rijo arvoredado agonizava  
Sem ter piedade quem estava a ouvi-lo  
Na festa da derruba, a conduzi-lo  
Aos limites da selva que tombava.

No furor das violentas machadadas,  
Ouvia-se o rumor de serra em serra,  
Das árvores, nas grandes derrubadas.

Vendo a floresta em ânsias doloridas,  
Faz-nos tremer o sol queimando a terra  
Para *enxugar-lhe* as lágrimas vertidas...

## INFÂNCIA

Atinjo a adolescência, de alma pura,  
Ao vendaval das hordas assassinas:  
Para exaurir o canto da amargura  
Na selva heroica, num montão de ruínas.

Minha infância no amor se transfigura  
Revivendo em canções horas divinas:  
Minha saudade em outonal ternura  
Reveste em sonho as tardes cristalinas.

Surge o caudilho... a gleba inteira  
enfrenta,  
Comanda a jagunçada, ao crime afeito,  
Na lábria a astúcia e na traição violenta.

Como um troféu sordidamente à vista,  
Traz o crachá da Paz e do Direito,  
À flama encarniçada da conquista.

## SOLIDÃO

Canta a cigarra intimamente presa  
Na solidão da várzea, em sol de estio,  
Olho o passado e cheio de surpresa  
Canto essa gente pelo sangue frio.

O coração estuando como um rio  
Nos chapadões em rija correnteza:  
Penetra as matas, paira em desafio  
Às transcendentais leis da Natureza.

Dentro da noite, num dossel de estrelas,  
O pensamento preso nas distâncias,  
Sonha a conquista de paisagens belas.

Espreita a fera, esmaga a vil serpente,  
- Herói que luta nessas circunstâncias,  
Vive, nas gerações, eternamente...

## O HOMEM

Quando o gênio da noite transformava  
A densa selva em tenebroso abismo  
Que a própria fera se atemorizava:  
Aquele bravo não temendo horrores,  
Enfrenta o vendaval, o cataclismo,  
Na gleba escura dos arroteadores...  
Dentro da noite, o frio o dilacera,  
Não era índio e um índio parecia,  
Não era fera e parecia fera.

Vibra em meu coração de extremo a  
extremo,  
Nessa demonstração que me extasia  
Em perpetuar o seu valor supremo.

E transformar em vosso pensamento,  
Essa augusta visão como se fora  
A vossa imagem num deslumbramento...

Nos cacauais por toda a eternidade,  
Nos apontando a mão batalhadora.

II

O rumo excelso da fraternidade...  
Em meio à cerração imperturbável,  
Olhando a terra escura com firmeza  
Semelha a rocha fria, impenetrável.  
Na vil tragédia de um passado morto,  
Sempre o vejo transpor toda a devesa  
Na escuridão do fundo desconforto.  
Quis senti-lo seguindo-o os lentos passos,  
Tive os pés a sangrar, a alma ferida,  
E o coração desfeito em mil pedaços.  
Minha voz afundou-se na garganta,  
Aflita geme seca e dolorida,  
Como quem chora e ao mesmo tempo  
canta.

Senti depois louco entorpecimento,  
Minha mão a tocar em nívea ossada  
No tênue espaço do meu pensamento.

Estremeceu de amor o corpo languê,  
Ao ver cair no chão da terra amada  
Gota por gota desse heroico sangue.

III

Cantei, por auscultar o duplo enredo  
Do vento, a perpassar pelas escarpas  
Na vibração de um íntimo segredo.

Por isso há de dizer tudo o que sente,  
Enquanto o coração ao som das harpas  
Vive naquele olhar eternamente...

Olhar de quem viveu despercebido,  
Na elegância de um grande atrevimento,  
De peito erguido no trabalho erguido.

Olhar de quem sonhava eletrizado,  
Quando sentia vil pressentimento  
Cumprindo o insano e tormentoso fado.

À luz do sol em rústica sondagem  
Abria estradas sem ter assombros,  
Nesse ermo lindo e agreste da paisagem.

IV

Na semelhança que jamais se perde,  
Espectro errante a carregar nos ombros  
A imensa imagem da floresta verde.

Ei-lo no sonho em plácida miragem,  
De penetrantes olhos mensageiros  
Rasgando a selva em rútila passagem.

Para depois rolar ensanguentado,  
Na inclemência dos golpes traiçoeiros  
Como um jaguar informe esfacelado.

Surge na glória essa alma peregrina,  
No mausoléu de um despontar de aurora  
Em ascensão romântica e divina;

Para sentir os corações orando:  
– Como quem canta e ao mesmo tempo  
chora,  
Vendo-o no sonho, ao vendaval, lutando.

RAIO DE LUZ

Sente um raio de luz beijar-lhe a fronte  
Quando o labor no campo se acentua:  
Cravando olhar nas fímbrias do horizonte  
Su'alma em sonho, na ilusão, flutua.

Antes que o sol pelos vergéis desponte,  
Ruma ao trabalho sem que alguém o  
instrua,  
Jamais se curva a quem o passo afronte  
Vive na crença que no peito estua...

No entanto ao hino de plangentes harpas,  
– a voz da dor qual mágico violino, –  
A soluçar acordes nas escarpas;

Lembra o infortúnio com denodo e a  
esmo,  
De quem plasmou com sangue o seu  
destino,  
Com sacrifício heroico de si mesmo...

ÍDOLOS SAGRADOS  
(Ao poeta Clóvis Lima)

Estendo o olhar numa expressão doentia  
Aos verdes cacauais de minha terra:  
Paira no espaço como o sol... vigia  
O passado de lutas que o encerra.

Ungido em pranto o coração se aterra  
Vergado ao peso da selvageria:  
Sinto, tristonho, uma saudade que erra  
Pelos confins desta melancolia...

Entoando um hino de infinitas vozes,  
A alma revive o tenebroso drama,  
A luta infrene de ambições ferozes.

Extremo arrojo de fanatizados,  
– Titãs fulgindo em auriverde flama,  
Na comunhão dos ídolos sagrados...

## BÊNÇÃO DO CÉU

Tênuos raios de luz da cor de prata,  
Bênção do céu, em níveo sol nascente,  
Pairando em torno àquele olhar ardente  
Que resoluto as afundou na mata.

O coração intensamente em festa,  
Passo a passo a se erguer maravilhado,  
No lampejo da foice, eletrizado,  
Desencravando um éden na floresta.

Pensa e trabalha num silêncio tredo,  
Se desdobrando em vigilância estranha,  
Quanto mistério em magistral façanha,  
Rememorado em secular segredo.

Tem explosões de fé em seu fadário  
Em desvendar heril, um novo mundo,  
No entanto uma onda de pavor profundo  
Em sangue envolve todo o itinerário.

II

Pela conquista do seu “eldorado”,  
Não lhes causam pavor o frio e a treva,  
Taciturno de um sonho que o eleva  
Ao penhasco da glória condensado.

Ao sussurro da lúbrica ramagem,  
Em centelhas de louco fanatismo,  
Interceptando abismo sobre abismo  
Nas asperezas de um lutar selvagem;

Ergue a cabeça para o sonho alado  
Ao léu cismando pelo azul empíreo,  
Vaga na solidão do seu delírio  
De soturno semblante afortunado.

Ouve em surdina pela voz do vento  
(Como se fora vencedor invicto)  
Apoteoses de sons pelo infinito  
Enchendo o espaço de deslumbramento.

III

Assoma em turno dele enamorado  
Da terra, a lhe acenar honra e riqueza  
E sonha, retumbante de grandeza,  
Imerso no apogeu transfigurado.

E aquele bravo ainda mais se interna  
Em plena selva, firme e resoluto,  
Envolto em flama do imortal tributo  
Surge de noite para a glória eterna.

Um meigo olhar o seu olhar redime,  
– Estrela humana em compleição tão rara,  
E nesse abismo que não se compara  
O amor floresce no estertor do crime.

Virgem, ser Mãe em seu arroubo ardente,  
Busca no sonho salutar guarida,  
E pulsa e canta a estremecer de vida  
A pantomima da paixão ardente.

IV

Mulher ou anjo cujos pés eu beijo,  
Heroica e altiva em majestosos passos,  
E a cruz da crença nos seus ombros lassos  
A conquista do fausto que prevejo.

Por isso aclamo-a e em sua senda trilho,  
Simbolizando as atitudes várias,  
E, em peregrinações extraordinárias  
Ergo-a perene em permanente brilho...

Nessa epopeia máscula dos grandes,  
Que revive o esplendor de minha terra,  
Eu quisera surgir em plena serra  
Tão suntuosa como os próprios Andes...

Cortando o espaço pelos arrebóis,  
Ao céu rasgando os seus listrões vermelhos,  
Vejo a cidade angelical de joelhos,  
Em prece ardente pelos seus heróis...

V

Da terra irrompe grave e dolorida  
A voz do infante em hinos de saudade,  
No olhar sedento da posteridade  
Avulta e cresce a sua sombra erguida.

E assim ressurge da tremenda luta  
Na aparência do bronze – o Hércules de  
aço,  
De pé, em ascensão, erguendo o braço,  
Para a glória imortal que se desfruta.

Meu coração se curva ao descrevê-lo,  
– Homem feito jaguar de olhar tranquilo,  
Busca saudá-lo e com amor servi-lo  
Julgando em sonho eternamente vê-lo.

## A CRUZ DE GUERRA

Vive a cismar na vastidão da mata  
Verde, a pompear qual ávido tesouro,  
E o Rei solar na imensidão desata,  
E pela terra splende, imorredouro!

Cuida beijar a terra numa oblata  
Na sensação febril dos frutos de ouro,  
Além, o som dolente da cascata  
E a vibração dos pássaros em coro.

Perdido o olhar no céu cor de amarantho,  
No espaço heril de galas e matizes,  
Nesse jardim onde floresce o helianto.

Depois a luta, ingentes dissabores,  
Tendo por glória o peito em cicatrizes,  
– A cruz de guerra dos desbravadores...

SINHÔ BADARÓ

Naqueles tempos idos, perpassados,  
Ao rubro sol, na vasta mataria,  
Audaz, desperta aos imponentes brados  
De peito aberto contra a tirania.

Hoje na tumba dos antepassados,  
Estátua negra da selvageria,  
Me ajoelho e canto de olhos lacerados,  
O coração beijando a laje fria.

Envolto em flama de um passado morto,  
Ao perscrutar seu majestoso porte,  
Soluço e tremo e, em sonhos todo absorto,

Vejo-o na esfera de meu pensamento,  
Qual arcabouço de uma raça forte,  
Na rigidez de um temporal violento!

## O CACAUEIRO

### I

Dentro da grotta, na floresta verde,  
– Sombra errante a rolar dos vendavais,  
Como um grito de dor que em vão se perde  
Na solidão feral dos cacauais.

Em delírio de horror banhado em sangue,  
Paira na noite a sombra do assassino,  
E sente estremecer o corpo langue  
Minha vida ligada ao teu destino.

Cruzam em passos vis, apavorantes,  
O ódio e a vingança em tredo despotismo,  
O roteiro de intrépidos gigantes  
Que a terra fecundou em pleno abismo.

Ressurgindo ao calor de tua leiva,  
Dos grandes ancestrais – músculos de aço,  
Terra violenta eu bebo tua seiva  
Nas entranhas sutis do teu regaço.

O cacauero é indestrutivelmente  
Grata relíquia de um labor insano,  
Mostra no trono heroicidade ardente,  
E em cada fruto um coração humano.

II

Ergue a amplidão o verde da folhagem,  
No galho altivo roxas cicatrizes,  
E no solo da cândida paisagem  
Estua o sangue a fecundar raízes.

As folhas bailam ao sabor do vento,  
Quais borboletas verdes, multicores,  
Vibram, semelham nesse movimento  
As mãos ditosas dos desbravadores...

Salve o passado neste poema augusto,  
Como um hino de amor, – em feixe de  
sóis,  
Salve o trabalho como um prêmio justo  
A impávida lição desses heróis...

Terra fecunda de altivez violenta  
Na infinita ascensão dos imortais,  
Quanta tragédia que nos atormenta  
“Ó Terras do Sem Fim”, dos nossos pais...

Minha alma sonha a trágica aventura,  
Do Sol, ressoa uma harpa em sustenidos,  
E o vento estruge um canto de amargura  
Numa explosão de horror aos meus sentidos...

## O JUPARÁ

Nos cacauais se vê frequentemente  
O Jupará sorvendo o louro fruto,  
Como a sentir na polpa alvinitente  
A sensação de um gozo ininterrupto.

No ventre oculta a túmida semente  
Para deixá-la além (macaco astuto),  
E nossa geração, indiferente,  
Recolhe aquele esplêndido tributo.

Lento trabalho o seu! E ele prossegue,  
O cacauero ao céu esponta erguido,  
Debalde o caçador sempre o persegue.

E assim cumprindo tão estranho fado,  
É dolorosamente incompreendido,  
Como o caboclo rude do passado.

## A ROÇA É A HARPA

Chego à fazenda ao som das clarinadas  
Do vento, em meus ouvidos sussurrando,  
Aves em coro pelo espaço arfando  
Por sobre as lindas flores das ramadas.

O sol fremente pelo azul dourando  
O roteiro instintivo das pousadas  
Veem-se sombras silentes nas estradas  
E açucenas e rosas trescalando.

No eito, a auscultar, em vibração solene,  
Pressinto a orquestração de uma sonata,  
E a roça é a harpa em festival perene.

Ao contrato final, do olhar distante,  
Simbolizando a solidão da mata,  
Canta a cigarra um hino eletrizante.

## OS MEUS PRIMEIROS FRUTOS

Sofro ao silêncio de um olhar perdido  
Nos cacauais da minha adolescência;  
E dentro d'alma a trágica aparência  
Do pedestal da crença demolido.

Tenho a ventura de ter conseguido  
Lutar com tanto ardor e sã consciência,  
Ao lume da razão e da prudência,  
Ao trabalho esplendente convertido.

Trago a semente dos primeiros frutos,  
Herança do passado, em vil tormento,  
Na consolidação dos seus tributos.

E sedução das roças primitivas,  
Pelo labor do nosso pensamento,  
Na sequência de glórias sucessivas.

## ESTÁTUAS DE MÁRMORE

A gleba no esplendor do sol nascente  
Semelha um casarão iluminado,  
Aconchegando ao seio, o filho amado  
No cenáculo da glória, indiferente.

E sente o corpo em vibração fremente  
E o coração filial transfigurado;  
Revedo em profusão, no chão prateado,  
A semente brotar reflorescente.

Prescrutando regiões, no sonho imerso,  
Onde seus tenros braços levantaram  
As estátuas de mármore do verso.

Na liturgia desse infindo canto,  
Suas estrofes lúbricas plasmaram  
Paisagem rubra em relicário santo.

## OBLAÇÃO AOS MORTOS

Ei-lo que chega à plácida vivenda  
No bojo ebúrneo de um azul que a  
embala;  
Festivamente ouvimos sua fala  
Pelos quadrantes róseos da fazenda.

A Casa Grande em mística oferenda,  
Em sonho, o verso exulta em preservá-la,  
Quanta harmonia no esplendor da sala,  
Régia mensagem que o painel desvenda...

Faz-se o silêncio à terna Ave-Maria,  
O sol que projetou-se incandescente,  
Encheu o espaço em longa sinfonia.

Enfim, recebe as honras do passado,  
Vendo o filho nas glórias do presente,  
Na Casa da Justiça perpetuado.

JOSÉ ROSA

Sente o refluxo da grandeza estranha,  
Que a luta o envolve em gozo  
inconcebido,  
Como o herói que, depois de uma  
façanha,  
Vê aos seus pés um povo embevecido.

Quando cuida transpor uma montanha,  
Surge, além, a pairar despercebido,  
Vibra em sentir com avidez tamanha  
O rijo corpo rejuvenescido.

Semelha a força indômita do vento,  
O pé no espaço, o olhar no firmamento,  
De frente ao sol que a luz da glória  
expande,

O braço aponta novas diretrizes,  
Os seus passos na gleba são raízes  
Dessa floresta imensamente grande!

## TAÇA DE BRUMA

Pressinto na empolgante caminhada  
Os meus passos na angústia ressarcidos,  
Numa aurora de sonhos revividos  
Na imponência da senda palmilhada.

Esponta pela gleba ensolarada  
Na antevisão dos múltiplos sentidos,  
Os fragmentos de galhos ressequidos  
Nos escombros da terra devastada.

O sol, como um dragão de olhar  
sangrento,  
Num circuito minúsculo – de leve  
Brilha e requeima num fragor violento.

E minh'alma num trágico delírio,  
Aquece o coração refeito em neve,  
Numa taça de bruma aberta em lírio.

## EMOÇÃO

Chego nesta mansão divinizada,  
O rio – ondas de espumas – cristalino,  
O canto da araponga é a voz do sino  
No coruchéu da mata devastada.

O caminheiro busca uma pousada,  
Saudá-lo uma cigarra em desatino,  
Como a sentir o mórbido destino  
Da emotiva brejeira malfadada.

Percorre o olhar com avidez estuante,  
Revedo no roteiro audaz vestígio  
Dessa arrancada louca e emocionante.

Vibrando em seu labor, nessa hora  
extrema,  
Encrustado na gama do fastígio,  
Nas ciclópicas rimas de um poema.

## O ILHEENSE

Ai quem me dera pela sua glória  
Cantar hosanas no meu verso rude,  
Com vivo amor e fraternal virtude  
Que o perpetuasse em face à luz da  
história.

Arquiteto do Ideal, jamais o ilude  
O germe da ambição na trajetória,  
Consagro, entanto, em vívida memória,  
O seu porvir que decantar não pude.

No seu olhar transluz tanta bondade,  
– Misto de amor, de paz e de bonança,  
À sombra augusta da hospitalidade.

Por isso eu vibro cada vez mais novo,  
E ostento n'alma um mundo de esperança,  
Imerso na grandeza do meu povo!

## TERRA VIOLENTA

Terra Violenta que me ufano ao vê-la,  
Santa e bendita como a luz do dia,  
Aos céus me curvo por não descrevê-la  
No scherzo vago de uma sinfonia.

Rainha-Mãe! – Resplandecente estrela  
No ciclo azul de minha fantasia,  
Anjo da guarda que o passado vela  
Ao sol que esplende a lousa fria.

Ergo-a perene às amplidões divinas,  
Para o esplendor da pompa e majestade,  
No pedestal das mártires e heroínas.

Amo-a e estremeço-a, pois cheguei ao  
cúmulo  
– Ó terra heroica, – berço da saudade,  
De no teu coração cavar meu túmulo.



## DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

Clarêncio Baracho (*in memoriam*), da Academia de Letras de Ilhéus, nasceu no município de Ilhéus-Bahia, na fazenda Pau Brasil, de propriedade de seus pais, Coronel Miguel Gomes Baracho e Dona Firmina Maria D'El Rei Baracho. Ali passou sua infância e aprendeu as primeiras letras, ministradas pela Professora Maria Safira de Oliveira que, no antigo arraial de Castelo Novo, dirigia uma escola primária. Terminando este curso, fez exame de admissão ao ginásio, completando-o na cidade do Salvador, onde se dedicou ao jornalismo, ao lado do combativo homem de imprensa, Artur Ferreira, proprietário de "A Hora", famoso diário político. Além desta atividade, o poeta Clarêncio Baracho dedicou-se ao magistério, na qualidade de professor do extinto Patronato Agrícola, "Marquês de Abrantes". Foi, ainda, na sua complexa vida pública, coletor estadual em Itapitanga, Barro Preto, Una e Coaraci, aposentando-se como agente fiscal do Estado.

No setor desportivo, o seu nome é lembrado como um dos componentes do

famoso time de futebol dos Irmãos Baracho, no qual, atuando na ponta esquerda, era o braço direito da original equipe de 14 irmãos que, originária da vila de Água Preta, movimentou, com o entusiasmo deste esporte sadio, os estádios de várias cidades da Bahia, inclusive da capital.

Clarêncio Baracho, a despeito de tantas atuações em setores diversos, inclusive o agrícola, desde que possui fazendas de cacau nos municípios de Uruçuca e Coaraci, é, contudo, na literatura, que tem a sua verdadeira atração, uma vez que a poesia e o romance concentram a sua vocação ou o ideal de toda a sua aspiração. Este, aliás, é o motivo por que, ao fundar-se uma Academia de Letras na culta cidade de Ilhéus, foi o seu nome indicado para integrar o novel sodalício, onde, juntamente com os nomes mais brilhantes de nossas letras, assenta-se na cadeira nº 5, que tem, como patrono, Anísio Melhor – o brilhante e saudoso escritor nazareno e inesquecível preceptor. Anísio é justamente evocado num soneto, integrante deste livro, que no-lo retrata como “um santo, sob a simples feição de um homem justo...”.

Temos, pois, a satisfação de lançar à publicidade este feixe de poemas que são reflexos da alma sonhadora de um poeta da nossa zona cacaueteira, onde a poesia se une ao trabalho produtor para, juntamente com o engrandecimento material do nosso Estado, consolidar o prestígio das nossas letras...

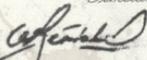
Equipe da Gráfica da  
Universidade Federal da Bahia, 1978.



## ÁGUA CORRENTE

*Presidente de la Nación Argentina*

*Secretario Privado*



p. JUAN R. DUARTE saluda con atenta consideración al señor Don CLAREN-  
RENCIO BARACHO y por especial encargo del Excmo. Señor Presidente, le agra-  
dece sinceramente los inspirados versos que ha escrito en homenaje a la memo-  
ria de la Señora Eva Perón. -

Retribuye la atención, formulando sus mejores de-  
seos por su ventura personal. -

BUENOS AIRES, 11 de noviembre de 1952. -

fg



Compõe comp. Clarêncio Baracho

Sei lindos soneto - enviado pelo fant-  
poeta Japy Medeiros - trouxe-me de  
Bolívia, de que foste tanto, uma vez  
amigo - nesta festiva véspera de Natal.

Creio que foi tua obra mística  
satisfeita as luzes versos tão son-  
tantes e grande mística conspi-  
lucos como de personalidade um  
contém. Um chego muito feliz  
e feliz Natal.

Com os teus  
Clarêncio Baracho

ar. Brasil 2173

P. Paul - 24-12-52

# ÁGUA CORRENTE

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Praça 15 de Novembro, 15-A  
Terreiro de Jesus  
Salvador, Bahia - Brasil



Ilmº Sr.:

A Academia de Letras da Bahia, em sessão do dia 3 do mês em curso, aprovou, por unanimidade, proposição do acadêmico Antonio Loureiro de Souza, de congratulações com V.Sa. pelo lançamento do seu livro de poesia "Água Corrente", na ocasião o referido acadêmico teceu comentários elogiosos ao seu trabalho.

Neste ensejo apresento-lhe protestos de elevado apreço.

*Antonio Loureiro de Souza*  
Antonio Loureiro de Souza

1º SECRETÁRIO DA A.L.B.

Ilmº Sr.

Poeta Clarêncio Baracho

N E S T A

Clarêncio Baracho.

Agradeço o livro "Água Corrente", com  
esplêndido prefácio do nosso querido,  
fulgurante Clóvis Lima.

O poeta sonha "quando água corrente,  
eterniza sua dor, cantando!"

Porque em seu "coração desagua".  
Lírico, sente o "calor da humanidade,  
na redenção dos deuses da verdade".

Vi-lo, plenitude de encantamento  
"De joelhos ante o mar, em sussurro  
uma prece."

O Evangelho do amor à luz que o sol  
propeta,  
Onde o céu, junto a nós, sepelha a  
sua ansiedade.

E' de ali-lo, todo-bondade  
nas respirações das intemas docuras  
numa "tarde nevosa", ao lado do  
saudoso e notável irmão de  
Arte-Cromilo de Jesus Lima—

"bêbe beijos ardentes"... de morenas.

Diante de "Flor de Lis":

— "Tem um riso de fé para  
os descrentes!"

Felante do grande makareno, meu  
fraternal amigo, ~~Amisio~~ Amisio  
Melhor, patrono da cadeira que  
ocupa, justamente, na Academia  
de Letras de Ilhéus, digi:

"... erguendo tua pena em riste,  
Teu vulto assoma na amplitude  
imensa, no pantão da terra  
que assiste!"

Merece, sem dúvidas, "um  
lugar na história poética  
da região, onde  
nasceu".

Abraço sincero.

Obrigado à generosa dedicatória.

Alexandre Lyra Botelho

## CLARÊNCIO GOMES BARACHO

Meu caro CLARÊNCIO BARACHO.

Após um período de intensas preocupações, atinentes a inesperada mudança de residência, em que tive de haver-me com o transporte de alguns milhares de livros, velhos e novos, dentre os quais a sua cristalina ÁGUA CORRENTE, eis que, hoje, achei alguns momentos de tranqüilidade, para poder melhor tomar conhecimento de seu valioso livro de bons versos, em cujas páginas se me depararam inúmeras coincidências sentimentais dos meus tempos de abnegado sonhador de belezas e virtudes.

Eu não precisaria ler o que, de seu valor de poeta autêntico, escreveu o nosso prezado confrade CLÓVIS LIMA; o qual, aliás, não lhe fez senão Justiça; e não o precisaria fazer, porque as antenas da minha emotividade seriam suficientes para me pôr em contacto com a realidade de sua arte-mágica.

O meu querido OLEGÁRIO, de tão saudosa memória, que guardo e reverencio nas lembranças afetuosas que me deixou, num vasto cabedal de íntimas delicadezas afetivas, aquele OLEGÁRIO, tão inspirado quão ingênuo cantor das cigarras, bem razão tinha, quando escreveu aqueles versos que você transcreveu, no limiar do seu livro.

De fato, ele plantou "uma árvore sedento de ter fruto e ter flor", mas a felicidade com que sonhou não lhe permitiu que gozasse a sombra caroável da árvore de seu sonho, porque a glória lhe não foi bastante, como compensação para seu merecimento. Mas a transcrição que você fez daquelas palavras, tão simples e tão expressivas para os amigos que ele deixou, me fez reve-lo, ainda hoje, na redação do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, numa das visitas com que

## ÁGUA CORRENTE

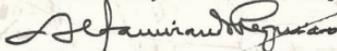
2.

me distinguiu.

E a transcrição, CLARÊNCIO amigo, foi bem cabível e oportuna, porque, com efeito, Água Corrente, toda ela, serviu para regar, com o talento de seu autor, a memória inesquecível de OLEGÁRIO MARIANO.

Muito obrigado, pelo brinde que me fez, com o seu livro encantador, e, sobretudo, pela fidalguia generosa de seu autógrafa.

Afetuosamente, o confrade amigo



(ALTAMIRANDO REQUIÃO)

Ba., 16/4/75

CLARÊNCIO GOMES BARACHO



Bahia, 12 de maio de 1975

Clarêncio Baracho  
R. Costa Pinto- 23-ap. 403  
Salvador-Ba.

Prezado Clarencio Baracho,

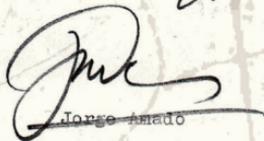
recebi e agradeço o seu poema "Terra Violenta", dedicado aos desbravadores das terras do cacau. Eu li com o interesse que me desperta tudo quanto se refere à região grapiuna.

Usando ritmos tradicionais, clássicos, você presta uma ampla homenagem poética às paisagens dos cacauais e à coragem dos desbravadores, "titãs fulgindo em auriverde flama". Receba meus parabens, e meus votos de todo sucesso ao seu poema.

Desculpe a brevidade do agradecimento - estou fora de Salvador trabalhando num livro e não estou sequer respondendo correspondência.

Pelo mesmo correio, sob registro, está seguindo o original de "Terra Violenta", imaginando que talvez você precise dele.

Um abraço cordial do *seu amigo*

  
Jorge Amado

Pis  
8/3/78

Prezado amigo Lourenço Baracho.  
 Ia inter-medio de Elvís, recibi  
 un exemplon de seu excelente livro  
 de poesias: *Água Corrente e*  
*a padroalhe e dedicatória.*

Embora nó tenha qualidades  
 como a do meu cunhado, escuto  
 a tradutor de alto gabarito acho que  
 você já é un poeta verdadeiro e  
 como tal nó precisa de adjetivos.  
 De suas poesias, eu saliento para  
 o meu gosto, a Selva, Sinfonia de  
 Tor, Flor de Lis, Rosas e outras  
 que nó me escamen.

Para você, un grande abraço e  
 meus parabens. Egberto de Almeida

CLARÊNCIO GOMES BARACHO

DR. MARIO CABRAL

ADVOGADO

Consultor Jurídico do Estado  
Escritório: Avenida Sete de Setembro, 257.  
Residência: Rua Afrossa Galvão, 7 - Barra  
SALVADOR - BAHIA

20.2.79

Meu caro amigo e nobre poeta  
Clarêncio Baracho:

Recebi seu livro intitulado Água Corrente.  
Foi um régio presente de arte e de beleza.  
E trazido por Clóvis Lima, poeta maior, -  
amigo e irmão!

Li os seus versos, do primeiro ao último,  
sem uma só interrupção. Gostei de tudo.

Principalmente dos sonetos.

Bem feitos, bem urdidos, bem trabalhados,  
cheios de encanto, de lirismo e de ternura.

Sem dúvida que eles honram a poesia baiana.

Gostei de todo o seu livro, repito.

E a poesia dele flui como um veio de água,  
pura, cantante, plena de naturalidade.

O título do livro é um reflexo do conteúdo.

E os versos, têm, por vezes, um sentido -  
íntimo de alta inspiração. Você é um poeta -  
que tem o que dizer e o que transmitir, nes -  
tes bárbaros tempos de tantas nulidades endeu -  
sadas. As palavras de Clóvis Lima e de Anto -  
nio Loureiro valem como uma consagração.

Com devotada estima, o amigo,

Mário Cabral

A TARDE — TERÇA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1979



## “Água Corrente”

Antônio Loureiro de Souza

O que há de se notar nos versos de Clarêncio Baracho, que vem de lançar o seu primeiro livro - “Água Corrente”, (tem mais três inéditos) é a ternura. Sem desmedido lirismo, a sua poesia é assim como o transunto de um espírito voltado para o Bem e para o Belo. Os versos lhe fluem simples, mas cantantes. Sonetista, sem desprezar um que outro poema mais extenso, trabalha à moda antiga sempre nova e ainda sabe usar, isso que os modernos chamam de serôdia: a chave de ouro. Poeta grapiúna, das famosas terras do cacau, que têm dado vales da melhor qualidade, Clarêncio Baracho, servidor público aposentado é abastado fazendeiro, é, acima de tudo, poeta. As paisagens bucólicas de suas glebas, a mataria imensa e verde; o cântico do passerado; os cacauais com seus frutos de ouro; a limpidez do céu, azul e iluminado; o murmurar perene das águas nos arrols, tudo isso lhe há sido permanente inspiração. E ele vê, e sente, e sonha, e ama, transbordando as emoções que lhe palpitam n’alma nos versos que lhe brotam, espontâneos, do coração. As vezes, se sofre, se lhe invade a alma uma angústia indefinida, canta-a assim:

“Também meu coração que tu desfrutas, imerso neste amor que se desdobra/ Em colunas de fogo ininterruptas./ Eterno vive pelo teu encanto,/ Cantando numa tarde que soçobra/ Nas águas salisais desse abismo santo”. Vezes outras, deslumbra-se no conceituar a si mesmo, como um cancionero do bem dizer, e clama, todo festivo: “Meu coração em lírico desmaio/Banha-se no esplendor do sol do Maio/Filho do sol, tão leve como a espuma, / Se evolva no ar pra des-fazer-se em bruma/ E volver ao calor da humanidade,/ Na redenção dos beijos da saudade...”. Cantando a cidade de Ilhéus, cristaliza sua admiração e o seu amor nestes versos tão significativos: “De joelhos ante o mar, eu sussurro uma prece... / O Evangelho do Amor; à luz que o sol projeta,/ Onde o céu, junto a nós, espelha a sua mesa,/ Orna o flôreo rincão que a nenhum se equipara,/ Na intensa vibração do meu sonho de poeta,/ No cérebro a luzir, como uma estrofe rara”.

Pequena, embora, a amostra, ainda assim basta para que se lhe confira o título de poeta. E poeta de delicada inspiração, capaz de transmitir emoção - o que é essencial em

poesia, seja de que gênero ou escola for. Assim é Clarêncio Baracho, que vem de brindar as letras grapiúnas com o seu “Água Corrente”. Participando da intensa atividade cultural em Ilhéus, integra a Academia de Letras local, ocupando a cadeira de número cinco, que tem como patrono outro poeta - Anísio Melhor. O seu livro, cuida da edição da Gráfica Universitária da Universidade Federal da Bahia, traz prefácio de Clóvis Lima, que diz, a certa altura, com justiça: “Ninguém poderá deixar de reconhecer um poeta em Clarêncio Baracho. Não um simples poeta bissexto, mas um poeta que vive cotidianamente a poesia”. Diante disso, de uma afirmativa de Clóvis Lima, poeta maior, não há como negar ao autor de “Água Corrente” essa condição que Deus lhe deu e que ele exercita com profundo amor. Despreziosamente. Sem preocupações retóricas. Sem excessos. Apenas suave lirismo. E isso é tudo.

CLARÊNCIO GOMES BARACHO

Sabador, 22 de Setembro, 1979

Caro Amigo Clarêncio Baracho

Recebi com grande júbilo e conservarei com imenso carinho o volume de suas belas poesias que me foi entregue pelo moço Clovis.

Penhora-me sobretudo o gesto amigo e, ao agradecer sincera tão preciosa quero congratular<sup>me</sup> com a pleiade de quem admiram e proclamam o estro fulgurante em Agua Corrente apresentando ao poeta os meus parabens.

Grato, ainda, pela homenagem prestada ao meu irmão Clovis e aos meus sobrinhos Wally e Wilde face às dedicatórias que ricocheteiam do homenageador à lembrança sempre venerada do meu irmão Nelson a quem o meu caro Baracho sempre foi ligado por sincera benquerença.

Aqui fica o abraço fraternal do velho colega amigo

Newton Lima

## ÁGUA CORRENTE

Salvador, 23 de fevereiro de 1979

Meu caro Clarêncio:

Recebi, com muita alegria e estou lendo, com vivo prazer, o seu ÁGUA CORRENTE, que veio a mim pelas mãos do meu tio Newton.

Além do enlêvo dos versos (e eu já os admiro desde menino...desde os tempos de O IPIUNA!), tive duas grandes emoções e as devo à sua generosidade: a lembrança do meu querido Nelson, na bondosa dedicatória e a inscrição do meu pávido nome, juntamente com o do Wilde, donatária que somos do primoroso soneto URUÇUCA.

Quando penso eu felicidade, em tempo bom, em passado que a gente, se pudesse, faria voltar, me vem logo à frente a velha Água-Preta e, com ela, seu céu, suas matas, seu rio...e vocês todos, os bondosos amigos dos meus pais. E vou misturando coisas e pessoas e fatos daquela época. Pessoas, coisas e fatos, em torno dos quais os meus olhos e o meu coração, a bem dizer, se abriram para a vida.

Você aparece sempre, em primeiro plano, porque o meu velho o tinha como um irmão querido, ao lado de outros, como o João Rabelo, o Juvenal, o Maurino, o João Gualberto, os Zaidan e tantos outros.

Lembro-me, constantemente, de todos os seus irmãos e de Dona Firmina. E de nossas incursões de garotos à fazenda de vocês. Água preta é uma constante em minha vida; os carnavais de lá, o Jazz queatuava no cinema do Juvenal, tocando em surdina, nos filmes mudos! Lá estava o Carlindo, vibrando as cordas de um violino boêmio; e o trem, vindo de Itapira, às nove da manhã, voltando, para lá, no dia seguinte, à tarde, aí pelas tres e meia, tendo, antes, apitado forte lá pelos lados do Campo de Experimentação...

É tanta coisa misturada! É tanta gente! É tanto episódio agradável, que lhe devo, hoje, um passeio muito bom pelos caminhos da minha juventude! Parece que você adivinhou tudo, ao me dedicar o URUÇUCA!

O livro está primoroso.

Meus parabens. Deus lhe pague, irmão!

waly-Rua Marechal Floriano, 47/501, tel. 247-4016

Aracaju, 9 de março de 1979.

Prezado amigo Benedito Cardoso.

Recebi hoje o excelente livro "Água Corrente" da autoria do magnífico poeta Clarêncio Baracho. Por ignorar seu endereço solicito-lhe transmitir meus agradecimentos pela gentileza da oferta. Depois de ler seus deslumbrantes sonetos fiquei convicto de que a poesia clássica não desaparecerá enquanto existirem vates autênticos como os desse genial menestrel de Ilhéus. Eu ignorava a existência numa Academia de Letras naquela próspera cidade.

Essa poesia moderna, sem rimas e metrificacão é uma consequencia da falta de talento e inspiração dos que buscam a glória sem ter merecimentos.

Prometa-me o endereço do Clarêncio. Quero corresponder-me com êle.

Permaneci vários dias em Salvador mas não me foi possível visitá-lo porque você tinha mudado de residência. Fiquei internado no Hospital Aristides Maltez a fim de submeter-me a vários exames clínicos. Voltei para Aracaju trazendo 46 radiografias que foram examinadas pelos médicos daqui. Felizmente não houve necessidade de cirurgia e estou quase restabelecido.

Receba, com as minhas saudações, um grande abraço do seu amigo e admirador

Severino Uchoa.

## ÁGUA CORRENTE

V. da Conquista, 15 de março de 1979

Meu caro poeta Clarêncio Baracho:

É com gratíssima satisfação que acabo de receber, valorizada pela "espuma de ouro" de gentil dedicatória, a valiosa oferta de seu "Água Corrente".

O coração tão sofrido deste seu humilde admirador e amigo não é "como um riacho que canta e ao sol pompeia", mas também se sente iluminado quando o arroio terno de amena inspiração lhe engrossa a débil corrente sussurrante. A afluência de sua água corrente, pois, caiu-me nalma como doce e benfazejo refrigerio.

Benditos sejam os poetas!

Você, meu querido Baracho, acaba de ratificar, com esse seu recém-editado livro o que já afirmara Leopardi há mais de um século:

"Se o poeta não pode iludir, não é poeta, e falar em poesia que raciocina é o mesmo que falar em animal que pensa".

Sim, meu bom Clarêncio, só mesmo o poeta, só quem tem "a alegria brilhando, mesmo entre lágrimas crepusculares", como diria nosso brilhante Augusto Frederico Schmidt, pêsui esse condão maravilhoso de arrancar das oustras obscuras do pessimismo as pérolas nitentes da esperança.

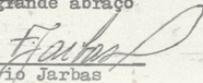
Neste instante doloroso de profundas e amargas apreensões, quando a fúria indomável de violentos temporais está flagelando o País com a inundaçãõ de cidades inteiras e o desabrigo de milhares de irmãos brasileiros, só mesmo o verdadeiro poeta pode dar-nos, no lirismo confortante de seus versos cadentes, essa mensagem de otimismo, ao preconizar que a torrente impetuosa e avassaladora que agora desce encapelada das alturas há-de deslizar depois docemente pela planície, numa promessa de paz e de bonança.

Bendita seja sua musa, meu bendito poeta das plagas do cacau!

Que Deus lhe conserve esse dom miraculoso de fazer brotar a suavidade encantadora da poesia da áspera agressividade do realismo, como a flor que desabrocha docactos.

Muitíssimo obrigado, meu irmão!

Um grande abraço

  
Flávio Jarbas

CLARÊNCIO GOMES BARACHO

*Pacifico Correia Ribeiro*

ADVOCADO  
ESC. RUA DIREITA DA FIDELIDADE N. 6/8.  
APT.º 511 - TEL. 245-4419 - 245-9853.  
C.F.F. 001060848/20 - SALVADOR - BA.

SALVADOR, 14 de abril de 1979

Meu caro poeta CLARÊNCIO BARACHO,

Por intermédio do meu grande amigo e poeta Clóvis Lima, recebi o seu precioso "ÁGUA CORRENTE". Li-o, avidamente, admirando os seus belos sonetos e poemas, tão cheios de espontaneidade, inspiração e lirismo.

Confesso-lhe que, no labor em que me encontro no exercício de minha estafante profissão advocatícia e ao estudo do direito agrário, que não me oferecem qualquer atrativo sentimental, - a doce leitura que fiz do seu livro de poesia foi, para mim, uma pausa para o reencontro do sonho e como um bálsamo e agradável alento para o coração, elevando-me o pensamento às paragens da arte, da ternura, do amor e do encantamento.

Agradeço-lhe, meu caro poeta Clarêncio, a oferta de seu "ÁGUA CORRENTE". E, sensibilizado e desvanecido, coloquei-o em minha "BIBLIOTECA POÉTICA LAFAIETE SPÍNOLA" entre os bons poetas baianos, com o destaque e o carinho que ele merece.

Um grande e afetuosos abraço de

*Pacifico Ribeiro*

## ÁGUA CORRENTE



PODER JUDICIÁRIO  
TRIBUNAL DE JUSTIÇA  
FORUM RUY BARBOSA

Cidade do Salvador,  
abril, 1979 /

Clarêncio,

Muito teria a dizer-lhe, não apenas ao receber o seu ÁGUA CORRENTE com a honrosa dedicatória, mas, igualmente, ao lê-lo, vale dizer ao redescobrir essa linfa de vigorosa inspiração, água corrente de seus versos puros, cânticos de ternura ou hinos de reencontro do homem com as suas origens.

Muito teria a dizer-lhe, mas prefiro não ser traído pela emoção.

Seu livro, todo ele, é Você mesmo, no melhor de seus momentos, vivendo, como sempre viveu, a poesia essencial, que

---

transcende aos versos, à rigidez da métrica e à palavra justa - e nessa arte Você se fez mestre - para derramar-se por toda uma existência, tal como a sua, tão rica em lealdade e sentimentos afins.

Nem lhe precisaria dizer, também, que impressão semelhante a esta, a respeito do homem e do poeta, nutria o velho Nelson, de quem herdamos, por Você, uma profunda admiração e uma fraternal estima.

Seu livro, portanto, é seu e é muito nosso, até na feliz oportunidade de sua apresentação por outro poeta de casa, o nosso querido Clóvis. Pelo bem que ele me causou, o coração agradece do

*Wilson Lima*

## CLARÊNCIO GOMES BARACHO



TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO  
GABINETE - CONSELHEIRO

Bahia, 18/6/1979.

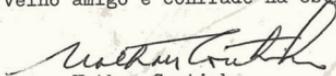
Meu caro Clarêncio Baracho,

Recebi, com muito agrado, o seu belo livro "Água Corrente!" Não repare a minha demora em agradecê-lo. Motivos superiores, a isto me impeliram. Ademais quis ter tempo e tranquilidade de espírito para degustar os seus versos, de / mim conhecidos desde os velhos tempos, quando ambos morávamos em terras grapiúnas. A minha impressão do seu livro fortalece a minha opinião desde aqueles longínquos tempos. São versos belos, medidos, sonoros, bem rimados como eu gosto, aprecio e também tento praticar.

---

Agradeço também, com muita satisfação a sua lembrança em me dedicar o belo soneto "Ilhéus", umas das pérolas do colar que é "Água Corrente".

Sem mais, creia o velho amigo e confrade na estima e na admiração do seu

  
Nathan Coutinho

### A MORTE DE CLARENCIO

*Li, também, o anúncio da morte de Clarêncio Gomes Baracho.*

*Para os literatos da Corte, talvez o nome de Clarêncio Baracho nada signifique. Entretanto, a gente grapiuna, que se acostumou, anos a fio, a curtir os sonetos de sua lavra, publicados no "Diário da Tarde", sabe que a Bahia vem de perder um poeta.*

*Água-pretense, e dos bons, Clarêncio transava fácil com as musas e seus versos tinham o verdor dos cacauais. Sem pertencer a qualquer "movimento", "igrejinha" ou grupelho similar, ele desenvolvia seu estro por conta própria e produzia Poesia pelo prazer de versejar.*

*Clarêncio Baracho foi o meu primeiro poeta municipal. Sem ele, o mágico universo grapiuna ficou mais pobre.*

*J. Bahia - 2/2/80*



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

---

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA

## A SELVA

No mundo vegetal há soluços profundos,  
A tênue borboleta as asas dilacera  
- um pássaro desfere um canto alegre.



ISBN 978-85-7455-428-0



9 788574 554280